

## O lulismo. Um fenômeno político em debate



**André Singer**

Lulismo. Um movimento informal de políticas públicas

**Carlos A. Gadea**

Os movimentos sociais e o lulismo

**Rudá Ricci**

Um fordismo tupiniquim que concilia interesses

**E mais:**

>> **José Antonio Zamora:**  
A memória, uma categoria  
central do cristianismo

>> **Johannes Röser:**  
Como preservar o  
futuro da Igreja?

# O lulismo. Um fenômeno político em debate

Após os dois mandatos do presidente Luis Inácio Lula da Silva, cientistas políticos, sociólogos e economistas passaram a identificar uma mudança na sociedade brasileira. Alguns falam do nascimento de uma nova classe média; outros preferem afirmar que houve apenas uma ascensão do ponto de vista econômico, que recai diretamente sobre a questão do consumo. Entender esse processo e refletir sobre o conceito de lulismo enquanto um fenômeno político é o desafio proposto como tema de capa da **IHU On-Line** desta semana.

Contribuem na discussão **André Singer**, jornalista e cientista político, professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para quem o lulismo é um movimento informal que responde a um conjunto de políticas públicas; **Rudá Ricci**, sociólogo, defende que o lulismo é um modelo de gerenciamento do Estado brasileiro com amplos impactos sobre o sistema político, sobre a sociedade e a economia; **Francisco de Oliveira**, sociólogo, analisa que o lulismo não traz nenhuma novidade do ponto de vista de classe; **Waldir Quadros**, o economista, professor do Instituto de Economia da Unicamp, acredita que o surgimento de uma nova classe média no Brasil vem sendo associado ao vigoroso processo de redução da miséria e da pobreza; **José Dari Krein**, professor no Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp, constata que a identificação do povo brasileiro com o lulismo se dá muito mais pela progressão no consumo do que por uma identidade política criada com o governo; e **Carlos A. Gadea**, sociólogo, professor e pesquisador do PPG em Ciências Sociais da Unisinos, constata que o lulismo modificou os movimentos sociais.

Duas entrevistas e um artigo completam a edição. **José Antonio Zamora**, filósofo espanhol, descreve o impacto da Teoria Crítica na Teologia Política e **Johannes Röser**, teólogo e redator-chefe da revista alemã *Christ in der Gegenwart*, analisa a atual conjuntura pastoral e teológica da Igreja Católica. **César Bolaño**, professor da Universidade Federal de Sergipe, é o autor do artigo “ALAIIC: história, diálogos e perspectivas”.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.

UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura

BRASIL  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | André Singer: Lulismo. Um movimento informal de políticas públicas

PÁGINA 08 | Rudá Ricci: Um fordismo tupiniquim que concilia interesses

PÁGINA 11 | Francisco de Oliveira: O lulismo como uma regressão

PÁGINA 13 | Waldir Quadros: Consumismo e individualismo generalizados na sociedade brasileira

PÁGINA 16 | José Dari Krein: “Classe média, renda e crédito são sinônimos do capitalismo”

PÁGINA 18 | Carlos Gadea: Os movimentos sociais e o lulismo

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 21 | José Antonio Zamora: A memória, uma categoria central do cristianismo

» Teologia Pública

PÁGINA 25 | Johannes Röser: Como preservar o futuro da Igreja?

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | César Bolaño: ALAIC: história, diálogos e perspectivas

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 36 | Ângela Kretschmann



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Lulismo. Um movimento informal de políticas públicas

Para André Singer, o modelo heterodoxo, que junta orientações até certo ponto conflitantes, é o que caracteriza o lulismo

POR GRAZIELA WOLFART

“É relativamente consensual entre os especialistas em distribuição de renda que, no Brasil, o grande fator distributivo é o salário mínimo. Se existe algo que pode diminuir a desigualdade no Brasil é, num primeiro momento, as elevações do salário mínimo”. A análise é de André Singer, jornalista e cientista político brasileiro, em entrevista concedida por telefone para a IHU On-Line. Na visão de Singer, que aborda o conceito de lulismo e também em que medida esse fenômeno altera a estrutura social brasileira, a “grande sacada” de Lula foi a percepção “de que havia uma janela de oportunidade para fazer uma política distributiva, mesmo mantendo a orientação macroeconômica que vinha do governo anterior. (...) Tenho a impressão de que isso não estava na previsão de ninguém”.

André Singer foi porta-voz da Presidência da República no primeiro governo Lula, de 2003 a 2007, quando acumulou a função de Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto. Filho do economista Paul Singer, é professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. É autor de *O PT* (São Paulo: Publifolha, 2001) e *Esquerda e direita no eleitoral brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994* (São Paulo: EDUSP, 2002). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como o senhor define o lulismo enquanto força política? Qual a novidade que aparece aqui em relação à trajetória histórica política brasileira?**

**André Singer** - O lulismo é um movimento informal que aparece entre 2002 e 2006 e que tem como característica responder a um conjunto de políticas públicas que, vistas de maneira unificada, conformam um programa político que atende a uma certa base social e que acabou se traduzindo em votos. Essa base social é o que chamo de subproletariado, usando um conceito sugerido pelo professor Paul Singer<sup>1</sup> na década de 1980. São esses eleitores de baixíssima renda que, grosso modo, recebem em torno de até dois salários mínimos

de renda familiar mensal que, a meu ver, respondem a um programa de distribuição de renda com intervenção do Estado. Por outro lado, eles querem que essa mudança importante na sociedade brasileira seja feita sem ameaça da ordem estabelecida. O lulismo, em resumo, seria isso: um movimento político informal que, eleitoralmente, responde a esse conjunto de políticas públicas e que se manifestou de maneira clara, pela primeira vez, na eleição de 2006, no momento em que determinados setores que, tradicionalmente, apoiavam o PT se afastam e esse novo setor se configura como principal suporte eleitoral das candidaturas Lula; e agora esse fenômeno se repetiu na eleição de 2010 com o tipo de base social que sustentou a candidatura Dilma.

**IHU On-Line - Como entender a identificação do subproletariado com a figura de Lula? E que raízes essa identificação deixa nesta camada**

**social?**

**André Singer** - Esse é um tema que está merecendo pesquisa. Nós não sabemos ainda, por ser um fenômeno político recente, dizer precisamente qual é a extensão dele. Há indícios de um tipo de identificação que poderíamos chamar de carismática, no que se refere ao nordeste do país. Penso que no resto do país esse elemento não é muito forte, se é que ele existe. Olhando para o conjunto do país, é mais uma identificação relacionada com esse projeto político que mencionei na resposta anterior, de distribuição de renda sem ameaça à ordem, mesmo que a identificação com este projeto não se expresse de maneira tão clara quanto à que estou formulando. Se perguntarmos às pessoas por que elas votaram no presidente Lula em 2006 e por que votaram na Dilma agora em 2010, é pouco provável que a resposta apareça nos termos em que estou dizendo, porque uso uma linguagem universitária

<sup>1</sup> Paul Singer: austríaco, de Viena, mora no Brasil desde 1940. É formado em Economia e Administração, doutor em Sociologia, além de outras formações. Possui 23 obras publicadas e atualmente é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. (Nota da IHU On-Line)

e propositadamente rigorosa. Mas acredito que encontraríamos, no fundo, uma identificação mais com o projeto do que propriamente com a pessoa.

**IHU On-Line - Como o senhor define o sistema produtivo que está na base do fenômeno denominado lulismo?**

**André Singer** - Essa é uma boa pergunta, porque o modelo econômico que está relacionado a esse movimento se modificou um pouco entre o primeiro e o segundo mandato de Lula. É um modelo que, de um lado, faz concessões importantes ao capital no que diz respeito à taxa de juros, à autonomia do Banco Central, ao câmbio flutuante e, até certo ponto, do primeiro mandato também à questão do superávit primário. Mas, por outro lado, ele acopla a essas concessões ao capital uma série de medidas de sentido distributivo bastante relevantes e, até um certo momento, inesperadas. Ninguém imaginou que a junção entre estas duas orientações seria possível. Nessa segunda parte, temos as transferências de renda, sobretudo o Bolsa Família, que inicialmente é um programa social, mas que já caminha para ser um direito social importante no Brasil, porque ele atende a uma parcela muito pobre da população e que sempre foi desatendida. Depois, temos os expressivos aumentos do salário mínimo que, combinados com o Bolsa Família, produziram uma ativação da economia local, sobretudo no interior do nordeste, mas também em outras regiões economicamente deprimidas do país. É relativamente consensual entre os especialistas em distribuição de renda que, no Brasil, o grande fator distributivo é o salário mínimo. Se existe algo que pode diminuir a desigualdade no Brasil é, num primeiro momento, as elevações do salário mínimo. No conjunto dos dois mandatos do presidente Lula, deve terminar sendo de 50% o aumento real, o que é muito significativo. Temos ainda a expansão do crédito para as camadas de baixa renda, onde incluo o crédito consignado, o crédito para a agricultura familiar, o microcrédito, a bancarização dos cidadãos de baixa renda e um conjunto de medidas

**“Para os capitalistas, a situação é boa e isso se expressa na relativa neutralidade que eles têm mostrado com relação ao governo”**

ligadas ao crédito que multiplicaram dezenas de vezes o potencial de crédito que havia em relação aos governos anteriores. Isso, somado a um conjunto de programas mais focalizados, como o Luz para Todos, a regularização de terras de quilombolas, e outros, configurou essa segunda parte da política econômica. E, por fim, esse conjunto de medidas macroeconômicas de sentido distributivo propiciou um aumento do emprego formal como não se via há muito tempo no Brasil. Eu diria que esse modelo heterodoxo, que junta orientações até certo ponto conflitantes, é o que caracteriza o lulismo.

**IHU On-Line - Qual foi a “grande sacada” de Lula?**

**André Singer** - É justamente a percepção de que havia uma janela de oportunidade para fazer uma política distributiva, mesmo mantendo a orientação macroeconômica que vinha do governo anterior, ou seja, uma autonomia operacional do Banco Central, que significou juros altos na média, câmbio flutuante e superávit relativamente alto. A “grande sacada” foi essa: perceber que era possível implementar uma política distributiva importante, sobretudo voltada aos mais pobres, mesmo mantendo essa orientação. Tenho a impressão de que isso não estava na previsão de ninguém.

**IHU On-Line - Como o senhor acha que será escrita no futuro a crônica factual dos dois mandatos presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva? Como Lula aparecerá nesta história?**

**André Singer** - Será como alguém

que depois de diversas campanhas presidenciais chega ao governo com uma plataforma visivelmente mais moderada do que havia sido até então. Uma vez no governo, produz essa “sacada” que acabamos de falar. Depois, passa por um período de crise política importante em 2005 e acaba, por conta das políticas implementadas e da crise política, passando por um realinhamento das suas bases eleitorais. É reeleito com base numa camada social diferente da que o havia eleito e da que tradicionalmente apoiava seu partido, no caso o PT, e faz um segundo mandato onde parece se beneficiar dessa relativa independência que essa nova base social lhe dá. E, nesse segundo mandato, acelera as medidas que vão na direção da distribuição da renda, acrescentando, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, uma política de retomada de investimentos em infraestrutura, que é algo que o Estado brasileiro tinha parado de fazer. E, por ocasião da crise econômico-financeira internacional, dá início a uma terceira fase, por meio, sobretudo, do BNDES, mas também por meio de outros bancos públicos e da política do Estado, de recuperar a capacidade indutora do Estado com relação às grandes empresas capitalistas brasileiras, trazendo a abertura de um novo período de crescimento com empresas capitalistas brasileiras já num outro patamar. O que isso pode significar, só o futuro dirá.

**IHU On-Line - Que mudanças nas camadas ou estratos sociais brasileiros foram provocadas pelo lulismo?**

**André Singer** - Em primeiro lugar, temos esse fato da passagem de uma camada importante de cidadãos de baixíssima renda para uma condição de renda melhor, com acesso maior ao consumo. Isso é o que poderíamos chamar, tentando ser o mais neutro possível, de nova classe C. De modo geral, é a passagem de pessoas que tinham renda familiar de até dois salários mínimos para um patamar superior. Mas não é só isso. É também o acesso a um certo tipo de consumo via crédito. Por exemplo, o acesso a viagens de avião, carros e bens de

consumo que antes não era acessível. Essa nova classe C é o que alguns chamam de nova classe média e outros chamam de nova classe trabalhadora. Eu diria que são as duas coisas se entendermos o seguinte: acredito que há uma nova classe trabalhadora no sentido de ser uma nova camada da população que se integra ao mercado na condição de trabalhadores. Não deveriam ser considerados classe média, porque não são a chamada classe média tradicional, aquela que nós conhecemos. O padrão, o estilo de vida e a cultura não correspondem à classe média tradicional, o que nos faria cometer um engano. Por outro lado, é uma espécie de classe média porque, no Brasil, existe esse fenômeno de termos um grande subproletariado. Então, ela é média porque está entre a classe média tradicional e o subproletariado. Isso, de fato, representa uma mudança social importante. Há uma série de questões sobre qual será o comportamento político desse setor, que pode ter mais de 25 milhões de pessoas. Estamos falando de uma transformação importante. No plano da classe média tradicional, o que aconteceu nesse período foi que ela expressou um traço reacionário, no sentido de que está reagindo a essas mudanças. Não houve uma política econômica que prejudicasse frontalmente a classe média tradicional, mas também não houve uma política econômica de favorecimento desse setor. Talvez eles reajam ao fato de que, pela ascensão social produzida nessa camada mais baixa, as diferenças relativas estejam diminuindo um pouco. E, ao diminuir, os privilégios também diminuem, porque os “de baixo” estão subindo, mesmo que os “de cima” não estejam descendo. Vemos essa reação, por exemplo, em relação a ter muitos carros nas ruas, a ter muitas pessoas que nunca viajaram de avião e que agora estão nos aeroportos, etc. Uma parte dos setores teve uma lucratividade muito alta, de modo que, para os capitalistas, a situação é boa e isso se expressa na relativa neutralidade que eles têm mostrado com relação ao governo. E,

## “Os movimentos perderam o caráter oposicionista que tinham antes e que era mais autônomo com relação ao Estado”

por fim, em relação àquelas camadas do subproletariado que ainda não passaram para essa condição de classe C, penso que, como dizia o professor Albert Hirschman<sup>2</sup>, a fila começou a andar. Às vezes não é a sua fila, mas a fila do lado. E daí vem a sensação de que a sua fila também vai começar a andar daqui a pouco. Em segundo lugar, tem o fato de que houve uma melhora real. O Bolsa Família não tira a pessoa imediatamente da condição de pobreza, mas talvez tire da miséria, o que faz muita diferença.

### IHU On-Line - Em que medida há uma identificação do conservadorismo popular com o lulismo?

**André Singer** - Acho arriscado dar um diagnóstico muito categórico, mas a eleição de 2010 dá alguns indícios de que isso pode estar ocorrendo. Se compararmos a votação do candidato Serra com as votações do candidato Alckmin e do próprio Serra nos segundos turnos de 2006 e 2002, veremos que houve um crescimento em torno de cinco pontos percentuais, em que passaram de um patamar de 39% para 44% dos votos válidos. Esse crescimento, aparentemente, se deu justamente nessa camada que abriga a chamada nova classe C. São os eleitores que pertencem às famílias que recebem de 2 a 5 salários mínimos de renda familiar mensal. Isso pode indicar que esses novos eleitores da classe C tenham votado no candidato do PSDB, o que indicaria um certo tipo de conservadorismo popular. Mas essa é apenas uma dedução que carece de uma confirmação posterior.

<sup>2</sup> Albert Otto Hirschman (1915): influente economista alemão, autor de vários livros sobre política econômica e ideologia política. (Nota da IHU On-Line)

### IHU On-Line - Apartir do lulismo, como o senhor define o realinhamento eleitoral que identificou nas últimas eleições?

**André Singer** - O realinhamento eleitoral é um fenômeno amplo. É um conceito que vem da ciência política norte-americana, que tende a identificar um processo de realinhamento a cada 30 anos, mais ou menos. Na realidade, por uma coincidência, os três realinhamentos que identificamos no passado (eleições norte-americanas de 1860, 1896 e 1932) aconteceram exatamente a cada 36 anos. De qualquer modo, o conceito de realinhamento diz respeito à existência de uma eleição crítica que abre um novo ciclo político duradouro. Se não for duradouro, não é realinhamento. Minha hipótese é de que há um processo de realinhamento no Brasil que começaria em 2002 e se completaria em 2006 com a mudança de base social que mencionei e agora viria a se estender ao longo de muito tempo. Por isso, digo que o lulismo veio para ficar, nesse sentido, e não de um movimento formalizado, mas de uma marca desse realinhamento. Também é preciso ressaltar que, no período do realinhamento, entre as chamadas eleições críticas, não é obrigatório que o mesmo partido ganhe todas as eleições. O que caracteriza o realinhamento é a formação de uma espécie de nova maioria em torno de uma nova agenda.

### IHU On-Line - A partir deste cenário, qual deve ser a postura de Dilma Rousseff?

**André Singer** - A intenção da candidatura é de continuidade e há uma constatação de que houve a descoberta de um caminho. Minha interpretação é de que esse caminho tem a ver com isso que você chama de “grande sacada”. Haverá uma orientação no sentido de continuidade dos programas e desta política, com os desdobramentos naturais, entre os quais espero que o governo Dilma envie ao Congresso a consolidação das leis sociais, como a Bolsa Família, que se transformaria na renda básica de cidadania, com isso, tornando-

se um direito que, na prática, já existe, porque ninguém hoje tentaria revogar.

**IHU On-Line - O que muda em relação aos movimentos sociais a partir do lulismo?**

**André Singer** - Há duas coisas aqui. A primeira é: os movimentos sociais foram para o Estado. Dentro da ideia do realinhamento, existe essa visão da formação de uma nova maioria e, dentro desta, que surgiu a partir de 2002, estão os movimentos sociais. Portanto, é inevitável que eles passassem a ter muito mais relação com o Estado, e, em alguns casos, até participação mesmo, não formalizada, mas por parte de militantes, que passaram a fazer parte do aparelho do Estado. Além do mais, os dois mandatos de Lula fizeram mais de duas dezenas de conferências nacionais, que são também formas de participação dos movimentos sociais. É claro que isso tem seu preço. Os movimentos perderam o caráter oposicionista que tinham antes e que era mais autônomo com relação ao Estado. São contradições do próprio processo. A segunda questão é que a melhora das condições de vida e, em particular, o aumento do emprego, criam condições mais favoráveis para os movimentos sociais, que passaram por um período muito difícil nos anos 1990, porque o neoliberalismo, ao desempregar em massa, precarizar e flexibilizar destrói as condições de sociabilidade que permitem o avanço dos movimentos sociais. Agora, como os movimentos sociais irão aproveitar este momento que está posto, com estas contradições, só o tempo poderá dizer.

#### LEIA MAIS...

>> Veja mais entrevistas com André Singer publicadas no sítio do IHU:

\* *"Consolidação democrática é vantagem brasileira entre Bric"*. Entrevista com André Singer, publicada em 01-11-2010, disponível em <http://bit.ly/cC2ZVA>

\* *"Cabe ao PT politizar subproletariado"*. Entrevista com André Singer, publicada em 05-05-2010 e disponível em <http://bit.ly/c1wf6A>

\* *Raízes sociais e ideológicas do lulismo*. A análise de André Singer, publicada em 15-01-2010 e disponível em <http://bit.ly/fhe6WF>

## Um fordismo tupiniquim que concilia interesses

Para Rudá Ricci, o lulismo é um modelo de gerenciamento do Estado brasileiro com amplos impactos sobre o sistema político, sobre a sociedade e nossa economia

POR GRAZIELA WOLFART

“O lulismo não se limita a Lula. Não forma uma doutrina e não cria uma legião de seguidores. É um modelo gerencial e de estrutura de poder político a partir do Estado. Está circunscrito ao conceito de modernização conservadora”. É dessa maneira que o sociólogo Rudá Ricci define o fenômeno conhecido como lulismo. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Ricci imagina que Dilma seguirá este modelo, podendo alterá-lo em alguns aspectos. Por exemplo, ela “parece mais técnica e profissional e muito menos carismática e negociadora que Lula. Mas mantém a espinha dorsal de tutela da sociedade civil, além de selar o pacto, a partir do Estado, pelo desenvolvimentismo, compondo interesses distintos”. Na visão de Rudá Ricci, “a pedra de toque do lulismo é a fragmentação de pautas da sociedade civil. É o Estado que engendra uma peculiar articulação destes interesses em agenda”. Ele defende que os valores sociais da classe média que surge a partir do lulismo são conservadores e individualistas. “Religiosos, tratam da fé como instrumento de negociação para o sucesso pessoal e familiar. São refratários a mobilizações sociais, ao espaço público, não seguem líderes (...) e sentem que estão sendo incluídos no país pelo consumo. Formam um caldo de cultura popular muito conservador, que não gosta de confronto, de rupturas, da agenda de direitos civis”. Para Ricci, “no processo de redemocratização do país, os movimentos sociais que surgiram naquele período queriam alterar o Estado. Hoje, parecem mais engolidos pela lógica do Estado que queriam alterar”.

Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP. É mestre em Ciência Política e o doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. Atua como consultor no Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal e do Instituto de Desenvolvimento. É diretor do Instituto Cultiva e professor da Universidade Vale do Rio Verde e da PUC Minas. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que podemos entender pelo fenômeno do lulismo e que modificações ele pode provocar na estrutura do Brasil para o futuro?**

**Rudá Ricci** - Ele é um modelo de gerenciamento do Estado brasileiro com amplos impactos sobre o sistema político, sobre a sociedade e nossa

economia. Retoma o Estado orientador do desenvolvimento e cria um pacto social pelo desenvolvimento. Finalmente, por ser um pacto (uma espécie de fordismo tupiniquim), é pautado pela conciliação de interesses. Assim, toda oposição passa a ter seu espaço de atuação reduzido, tanto à esquerda, quanto à direita.

**IHU On-Line - Como o senhor caracteriza o povo brasileiro alvo e foco do lulismo? Quem é o povo para o qual Lula fala?**

**Rudá Ricci** - Lula fala para a nova classe média, que até ontem foi pobre. Estamos falando de quase 50% da população brasileira (que recebe até 10 salários mínimos de renda mensal familiar). Ele mesmo tenta criar a imagem de representante desta classe, como ex-metalúrgico e retirante que chegou ao posto maior da gestão pública nacional e se tornou astro internacional. Por falar de uma classe em transição, acaba por atingir os menos abastados, além desta classe média baixa. O lulismo trata da esperança de sucesso familiar.

**IHU On-Line - Quais os valores sociais da classe média que surge a partir do lulismo?**

**Rudá Ricci** - São conservadores e individualistas. Religiosos, tratam da fé como instrumento de negociação para o sucesso pessoal e familiar. São refratários a mobilizações sociais, ao espaço público, não seguem líderes (daí não aceitar a tese de André Singer<sup>1</sup> de que o lulismo é uma vertente do bonapartismo) e sente que está sendo incluída no país pelo consumo. Formam um caldo de cultura popular muito conservador, que não gosta de confronto, de rupturas, da agenda de direitos civis.

**IHU On-Line - Quais são as perspectivas do lulismo? Como Dilma governará a partir desse cenário?**

**Rudá Ricci** - O lulismo não se limita a Lula. Não forma uma doutrina e não cria uma legião de seguidores. É um modelo gerencial e de estrutura de poder político a partir do Estado. Está circunscrito ao conceito de modernização conservadora. Neste sentido, imagino que Dilma seguirá este modelo, podendo alterá-lo em alguns aspectos. Por exemplo, Dilma parece mais técnica e profissional e muito menos carismática e negociadora que Lula. Mas mantém a espinha dorsal de tutela da sociedade civil, além de selar o pacto, a partir do Estado, pelo desenvolvimento, compondo interesses

<sup>1</sup> Confira uma entrevista exclusiva com André Singer nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

## “A pedra de toque do lulismo é a fragmentação de pautas da sociedade civil”

distintos. A pedra de toque do lulismo é a fragmentação de pautas da sociedade civil. É o Estado que engendra uma peculiar articulação destes interesses em agenda. Minha impressão é de que Dilma dará mais espaço para vozes não alinhadas. Mas não mais que um pouco de espaço a mais. Não haverá, como na gestão Lula, espaço para o controle social.

**IHU On-Line - Com o lulismo surge uma nova classe média consumista. A liberação de crédito pode gerar uma crise social no futuro?**

**Rudá Ricci** - Acredito que sim, caso o governo federal não altere o modelo de transferência de renda, todo baseado na transferência entre assalariados. Terá que fazer cortes nos gastos públicos, conseguir aumentar os ingressos e criar financiamento público direcionado para sustentar a agregação de valor, o que possibilitará sustentabilidade no aumento do poder aquisitivo dos segmentos sociais menos abastados. Não acredito que Dilma ousará criar uma política tributária progressiva, o que romperia com o âmago do lulismo, que é a conciliação de interesses. Mas a atual ascensão social não é sustentável. Exigirá mudanças na política governamental.

**IHU On-Line - Qual passa a ser o lugar e o papel dos movimentos sociais a partir do surgimento da nova classe média brasileira com o lulismo? Lutas coletivas têm lugar em uma sociedade marcada pelo individualismo e consumismo?**

**Rudá Ricci** - O papel das organizações populares é o controle social e a democratização do Estado. Lutar por demandas econômicas é se manter no espectro do lulismo. Mas as organizações populares vivem dias difíceis. Ainda vivem a transição da sua fonte de financiamento e se envolveram em

demasia com os escaninhos do Estado burocrático e patrimonialista de nosso país. No processo de redemocratização do país, os movimentos sociais que surgiram naquele período queriam alterar o Estado. Hoje, parecem mais engolidos pela lógica do Estado que queriam alterar.

**IHU On-Line - Quais são as utopias da classe média brasileira hoje? Que consequências esse comportamento pode provocar a longo prazo?**

**Rudá Ricci** - A classe média sempre acalenta a utopia do consumo total e da estabilidade. Desejam, mas sabem que dificilmente conseguirão, atingir o status de classe mais abastada. Como a política de transferência de renda do lulismo atinge só assalariados, a classe média tradicional está em pé de guerra com o governo federal, já que perde poder aquisitivo. E é justamente o grosso dos leitores da grande imprensa paulista e carioca. Daí a partidização da grande imprensa brasileira: além de linha editorial, trata-se de estratégia de mercado. Já a classe média emergente é desconfiada de tudo e muito conservadora. Sempre foi pobre, até pouco tempo, e é ressentida por isto. Agora chegou a sua vez de consumir tudo e, por isto, não é afeta ao desenvolvimento sustentável. Não será sempre assim, mas estes dois segmentos da classe média brasileira criam, no momento, o caldo de cultura para a emergência de movimentos sociais ultraconservadores. Não posso assegurar que ele se efetivará, mas o caldo de cultura está dado.

**IHU On-Line - O que podemos entender por modernização conservadora e que relação, nesse sentido, pode ser estabelecida entre Lula e Getúlio Vargas?**

**Rudá Ricci** - Este é um conceito elaborado por Barrington Moore Jr.<sup>2</sup> Fazendo os devidos ajustes e atualizações, significaria a modernização econômico-

<sup>2</sup> Barrington Moore Jr. (1913-2005): político e sociólogo americano. Famoso por seu livro *Social Origins of Dictatorship and Democracy: Lord and Peasant in the Making of the Modern World* (1966), um estudo comparativo sobre a modernização na Inglaterra, França, Estados Unidos, China, Japão e Índia, e uma história filosófica do totalitarismo. (Nota da IHU On-Line)

ca sem alteração da estrutura de poder, sob a tutela do Estado, altamente centralizado. O Estado passa a se impor sobre os interesses dispersos e cria um pacto, que é conservador, porque não altera o processo decisório, não altera o mando das oligarquias políticas regionais, mas dá uma nova configuração nacional. Em outras palavras, a inclusão se faz pelo consumo e não pela política, o que alimenta o conservadorismo e a rejeição ao conflito ou embates reivindicatórios. Daí movimentos sociais mais aguerridos perderem espaço na sociedade e se isolarem gradativamente. Getúlio foi mais autoritário que Lula. Mas ambos criaram, em seu momento histórico, uma agenda que se completa. O lulismo completa o getulismo. Não por outro motivo, Lula sugeriu enviar para o Congresso Nacional a Consolidação das Leis Sociais. Não se trata, obviamente, de mera coincidência.

**IHU On-Line - Qual é a origem da postura conservadora que o senhor observa na classe média brasileira hoje?**

**Rudá Ricci** - A origem do conservadorismo é o ressentimento. Algo que Richard Sennet<sup>3</sup> já havia esboçado teoricamente no livro *O Declínio do Homem Público*. O ressentimento se dá contra toda estrutura pública (incluindo as autoridades) que sempre a relegaram à pobreza. Nunca leram, coisa de ilustrados que sempre os humilharam. Só acreditam em sua família e nos grupos íntimos. E acredita que chegou sua vez. Enquanto o lulismo lhe garantir este consumo, o apoiará. Mas o conservadorismo é maior que o apoio a um político. O que cria um campo de tensões e uma espécie de bomba relógio (que já explodiu com o Tea Party<sup>4</sup>,

<sup>3</sup> Richard Sennet: sociólogo americano, autor de, entre outros, *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989); *A corrosão do caráter* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001) e *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental* (3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003). (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Tea Party (em inglês: Tea Party movement, às vezes traduzido como Partido do Chá): movimento social e político populista, conservador, de ultradireita, surgido nos Estados Unidos em 2009 através de uma série de protestos coordenados tanto no nível local como nacional. Os protestos foram, parcialmente, em resposta a diversas leis federais, como o Plano de resgate

## “A origem do conservadorismo é o ressentimento”

nos EUA e no movimento de classes médias da Espanha). Veremos se Dilma conseguirá desarmar ou ao menos lidar com esta bomba de efeito retardado, latente.

**IHU On-Line - Que diferenças o senhor percebe entre a nova classe média e a classe média tradicional brasileira, que já existia antes do governo Lula? Como elas se relacionam?**

**Rudá Ricci** - Como afirmei, a classe média tradicional se vê vilipendiada, tendo seus direitos adquiridos com trabalho sugados pela política de transferência de renda. Já a nova classe média é ressentida, pragmática, desconfiada, religiosa, quase fundamentalista. A classe média tradicional é mais convicta na oposição que faz ao lulismo. Já a emergente é mais pragmática.

**IHU On-Line - Como a nova classe média brasileira influencia no projeto estatal-desenvolvimentista?**

**Rudá Ricci** - Em período eleitoral. E só. Neste momento, o lulismo se esforça em se revelar bem intencionado, mesmo que não apareça como amigo desde a infância. Fora este período, é tratada como se sente.

**IHU On-Line - Que leitura histórica será feita do lulismo no futuro?**

**Rudá Ricci** - Como um dos mais importantes modelos de gestão do Estado Republicano brasileiro. Estará ao lado do getulismo. Não vejo mais nenhum outro período com tamanho impacto sobre a sociedade brasileira que estes dois. É verdade que se alimentou de um período internacional peculiar. Período marcado pela crise europeia, pela transição do domínio internacional norte-americano para o domínio chinês, pela

econômico de 2008, a Lei de Recuperação e Reinvestimento dos Estados Unidos de 2009 e as leis de reforma do sistema de saúde do país. O movimento defende uma política fiscal conservadora e o originalismo, isto é, a interpretação do texto constitucional segundo o seu significado à época em que foi adotado. (Nota da IHU On-Line)

queda gradativa do dólar como moeda de estabilidade e confiança nos negócios internacionais, pela crise das estruturas garantidoras da paz mundial criadas no pós-Guerra. O Brasil conseguiu surfar na ânsia de consumo chinês. Mas também criou um modelo de desenvolvimentismo, se impôs no cenário internacional (politicamente, na América Latina, e economicamente, nos embates da OMC e na compra de importantes empresas dos EUA, no avanço dos negócios brasileiros na África e América do Sul). Temos, hoje, um mercado interno potente, que em cinco anos deverá se tornar o quinto do planeta (atrás apenas da China, EUA, Alemanha e Japão). Este gigantismo criou diversos problemas. Alguns citei anteriormente. Mas mudamos de patamar. Isto é inegável.

### LEIA MAIS...

>> Rudá Ricci já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira na nossa página eletrônica ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

- “Com o fim da era dos movimentos sociais, foi-se a energia moral da ousadia”. Entrevista publicada em 30-11-2009. Disponível em <http://migre.me/wMCD>;
- “O PT a reboque do lulismo”. Entrevista publicada em 10-9-2009. Acesse no link <http://migre.me/wMEA>;
- “Um Brasil mais mosaico do que nunca”. Uma análise das eleições a partir de Minas Gerais. Entrevista publicada em 1-11-2008 e disponível no link <http://migre.me/wMFC>;
- “A CUT vai caminhando para ser a antiga CGT do século XXI”. Entrevista publicada em 2-9-2008 e disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/wMGW>;
- “Lula não é uma liderança de esquerda”. Entrevista publicada em 20-9-2006 e disponível no link <http://migre.me/wMHL>;
- “Os desafios dos movimentos sociais hoje”. Entrevista publicada na IHU On-Line número 325, de 19-04-2010, disponível em <http://bit.ly/ez3p2d>;
- “As eleições manifestam a emergência de um movimento ultraconservador no Brasil”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia de 05-11-2010, disponível em <http://bit.ly/9oROUc>;
- “Movimentos Sociais numa gestão Dilma ou Serra”. Artigo publicado nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 30-03-2010 e disponível em <http://bit.ly/bucNA7>;
- “O lulismo e a esquerda latino-americana”. Artigo publicado nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 24-03-2010 e disponível em <http://bit.ly/8Y8tBO>;
- “Comunitarismo e Democracia no Brasil”. Artigo publicado nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 20-03-2010 e disponível em <http://bit.ly/a2S4w4>;
- “Movimentos Sociais em discussão”. Rudá Ricci responde a Valter Pomar. Artigo publicado nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 13-12-2009 e disponível em <http://bit.ly/ctbaYH>.

## O lulismo como uma regressão

Para Francisco de Oliveira, Lula aprofundou o que ele mesmo chamou de “herança maldita” de FHC. “Lula, na verdade, não é estatizante; ele é um privatista”, dispara

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a opinião do sociólogo Francisco de Oliveira, o fenômeno conhecido como lulismo não é responsável pela formação de uma nova classe social no Brasil. Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, o professor argumenta que Dilma Rousseff “governará de forma muito difícil, porque ela não tem a cancha política do Lula, nem a experiência política que todos insistem em chamar de carisma. Lula está nos holofotes da mídia há 40 anos. A Dilma não tem essa trajetória, nem esse perfil, e encontra-se, por isso, desprotegida no meio de um sistema partidário que não vale coisa nenhuma, mas é apetitoso em termos de cargos e funções. Será um mandato mais difícil do que o de Lula. Ela mesma abriu o flanco para isso ao tornar-se candidata sendo tirada do bolso do colete de Lula. Esse sistema que chamam de ‘presidencialismo imperial’ no Brasil é muito danoso politicamente, não especificamente por causa da presidente eleita. Qualquer um que cair ali sofre isso”. Para Chico de Oliveira, Lula será lido, no futuro, como o “neoliberalismo levado às últimas consequências”, no sentido de impor padrões privatistas à economia brasileira. “Todo mundo acha que ele é estatizante e não é coisa nenhuma. Está reforçando os grandes grupos monopolistas nacionais através do dinheiro público”, defende.

Francisco de Oliveira formou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. É professor aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo - USP. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Por que o senhor considera o lulismo uma regressão política e os mandatos de Lula uma hegemonia às avessas?**

**Francisco de Oliveira** - Considero uma regressão porque ele fez a política voltar para o culto da personalidade. As democracias mais modernas não têm esse culto da personalidade. Isso é anticidadão. Lula deveria ter aprendido, como ele veio “de baixo”, que todos os cidadãos são iguais, não só perante a lei, mas perante as possibilidades e as perspectivas que o mundo oferece. O mandato que Lula recebeu foi para reverter o que ele mesmo chamava de “herança maldita” de Fernando Henrique Cardoso, e ele não fez isso. Aprofundou na direção do privatismo os negócios públicos, o que já era característica do governo FHC. Ele foi mais longe. Lula, na verdade, não é estatizante; ele é um privatista.

**IHU On-Line - Que tipo de classe**

**média surge com o lulismo? Quais seus valores?**

**Francisco de Oliveira** - Não surge classe nenhuma. Isso é ligeireza de alguns jornalistas, sobretudo do professor André Singer, que tem sido o interlocutor mais disposto, do lado petista, a debater o tema intelectualmente. Uma classe social não se forma assim. São estratos que a técnica de pesquisa em estratificação social criou, mas não classes. Uma classe social é algo muito mais complexo e profundo. O lulismo não traz nenhuma novidade do ponto de vista de classe. Tivemos uma elevação econômica que fez com que um determinado estrato social pudesse ter acesso a bens e serviços que não tinha antes, como o crédito bancário mais facilitado, sem aquelas enormes exigências de cadastro, e como a compra muito facilitada de bens duráveis de consumo. Isso é uma novidade no Brasil, no sentido de que o capitalismo agora pode propiciar o acesso a esse tipo de bens. Mas isso não

forma uma classe social sozinha. Não é uma façanha do capitalismo brasileiro. Na Europa ocidental, todo o proletariado tem acesso a esses bens. A questão dos valores realmente se altera, como vitória do capitalismo.

**IHU On-Line - O senhor acredita que a liberação de crédito pode gerar uma crise social no futuro?**

**Francisco de Oliveira** - Não. Não gera crise social nenhuma. O crédito como porcentagem do PIB no Brasil é muito baixo, não chega a 60%. Nos Estados Unidos é de 180%. E na Europa não chega às proporções norte-americanas, mas é mais de 100%. O crédito faz parte do funcionamento do sistema capitalista. Quem quiser entender isso, é só pegar o terceiro volume de *O Capital*, do velho Marx, que está lá. O crédito é capital.

**IHU On-Line - Quais as implicações sociais do fenômeno lulismo?**

**Francisco de Oliveira** - Trata-se de uma regressão política, porque traz a política novamente para o colo do paternalismo. Lula usou imagens dele, em metáforas, ou se referindo a futebol ou à família. A política deu um passo atrás.

### IHU On-Line - Quais são as perspectivas do lulismo? Como Dilma governará a partir desse cenário?

**Francisco de Oliveira** - Governará de forma muito difícil, porque ela não tem a cancha política do Lula, nem a experiência política que todos insistem em chamar de carisma. Lula está nos holofotes da mídia há 40 anos. A Dilma não tem essa trajetória, nem esse perfil e encontra-se, por isso, desprotegida no meio de um sistema partidário que não vale coisa nenhuma, mas é apetitoso em termos de cargos e funções. Será um mandato mais difícil do que o de Lula. Ela mesma abriu o flanco para isso ao tornar-se candidata sendo tirada do bolso do colete de Lula. Esse sistema que chamam de “presidencialismo imperial” no Brasil é muito danoso politicamente, não especificamente por causa da presidente eleita. Qualquer um que cair ali sofre isso.

### IHU On-Line - O povo brasileiro, em geral, está preparado para o desafio mundial de mudar o estilo de vida, fazendo uma revisão do modelo de desenvolvimento global e levando a sério a crise mundial?

**Francisco de Oliveira** - Não, e o estilo de vida não está mudando em lugar nenhum. Os Estados Unidos não estão reprimindo o consumo, a China não está mudando sua forma de industrialização, ninguém está mudando o estilo de vida. Vão empurrando crise após crise e o Brasil se insere nesse cenário. Ou então seríamos um povo heroico, como diz o nosso hino, para mudar o estilo de vida sozinho no mundo. Isso não existe. Esse milagre o Brasil não faz. Não é por incapacidade. Ninguém hoje está disposto a voltar a tirar dinheiro no banco, no caixa, a enfrentar filas para pagar contas. Todo mundo quer internet em casa e caixas automáticos. Isso é estilo de vida e valores. Ninguém vai dar esse passo atrás.

### IHU On-Line - Como Lula aparecerá contado, no futuro, na história política do Brasil?

**Francisco de Oliveira** - A história política do Brasil será contada no futuro de acordo com uma periodização, que é esquemática, e é a seguinte: Vargas<sup>1</sup> é o grande reformador do Estado brasileiro. Ele preparou o país para as novas funções modernas. Antes de 1930 o Estado brasileiro era um anão, sem nenhum poder de intervir na economia. Vargas refunda o Estado, principalmente com a entrada da classe trabalhadora na política, com a regularização das leis de trabalho. Ele não usufrui disso, porque comete suicídio em 1954. Juscelino Kubitschek<sup>2</sup> já usa o Estado brasileiro com sua nova potência para armar os grupos de trabalho para a industrialização. Depois, o interregno de João Goulart<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://migre.me/QYAi>, e a edição 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://migre.me/QYBn>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://migre.me/QYCb>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Ideias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Ideias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir, disponível em <http://migre.me/QYDR>. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://migre.me/QYEE>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/qkeQ>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> João Belchior Marques Goulart (1918-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o país, conflitos sociais, greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases:

não significou nada; representou, na verdade, que as forças reacionárias não suportavam aquele tipo de deslocamento do quadro político. Então, Goulart é deposto. Vêm os militares, que são propriamente a fase prussiana do desenvolvimento capitalista brasileiro. Eles estatizaram até o limite que nem o populista mais aloprado teria ousado os interesses econômicos, sobretudo “goela abaixo”, de uma burguesia que não era capaz de ela mesma fazer a industrialização. Depois, vem um período indefinido, que é o de Sarney<sup>4</sup>, que não é nada, apenas o esgotamento de uma fase, sem capacidade para iniciar outra. E aí chega o neoliberalismo com Fernando Collor e, sobretudo, com Fernando Henrique Cardoso. Esse período vai ser lido como um período propriamente neoliberal no Brasil. Por fim, Lula vai ser lido como o neoliberalismo levado às últimas consequências, no sentido de impor padrões privatistas à economia brasileira. Todo mundo acha que ele é estatizante e não é coisa nenhuma. Está reforçando os grandes grupos monopolistas nacionais através do dinheiro público.

### LEIA MAIS...

Francisco de Oliveira já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

- \* “A política tornou-se irrelevante”, publicada nos *Cadernos IHU em formação*, número 9, de 2006, intitulado *Política Econômica. É Possível mudá-la?*, disponível em <http://migre.me/2tY00>;
- \* *Classe trabalhadora perde força com a centralização de capitais*, publicada na IHU On-Line número 322, de 22-03-2010, disponível em <http://migre.me/2tYre>;
- \* “Tudo é um nevoeiro muito pesado”, entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do site do IHU em 07-10-2010, disponível em <http://migre.me/2tYuf>.

Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007, do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), a entrevista *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, realizada com o historiador Oswaldo Munteal, disponível em <http://bit.ly/e4F6M3>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> José Ribamar Sarney de Araújo Costa (1930): político e escritor brasileiro, tendo sido o 31º Presidente do Brasil, de 1985 a 1990, Presidente do Senado Federal de 1995 a 1997, 2003 a 2005 e 2009 até a atualidade, e Governador do estado do Maranhão de 1966 a 1971. (Nota da IHU On-Line)

# Consumismo e individualismo generalizados na sociedade brasileira

Waldir Quadros acredita que a perda de dinamismo nos estratos melhor situados da classe média deve estar refletindo as debilidades estruturais da nossa economia

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a opinião do economista Waldir Quadros, “o surgimento de uma nova classe média no Brasil vem sendo associado ao vigoroso processo de redução da miséria e da pobreza que ocorre desde 2004, quando tem início a fase de crescimento econômico mais robusto”. Ele concedeu a entrevista que segue à IHU On-Line por e-mail, onde ilustra o padrão de vida da chamada baixa classe média, que seria aquele “dos professores do ensino fundamental, dos balconistas do comércio, dos caixas de supermercado, dos auxiliares de enfermagem, dos auxiliares de escritório, dos trabalhadores com alguma qualificação, etc.”. Para o professor, “o consumismo e o individualismo generalizaram-se na sociedade brasileira nas últimas décadas, num quadro de enfraquecimento dos valores da cidadania, da solidariedade, da igualdade, do espírito público republicano, etc.”.

Waldir Quadros possui graduação em Economia pela Universidade de São Paulo - USP, e mestrado e doutorado em Ciência Econômica, pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde, atualmente, é professor associado do Instituto de Economia. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que caracteriza e como emerge a nova classe média brasileira surgida com o lulismo? Qual a importância das políticas sociais e do aumento do salário mínimo para a constituição desse novo perfil ou camada social?**

**Waldir Quadros** - De um modo geral, o surgimento de uma nova classe média no Brasil vem sendo associado ao vigoroso processo de redução da miséria e da pobreza que ocorre desde 2004, quando tem início a fase de crescimento econômico mais robusto. Em primeiro lugar, este importante progresso social repousa fundamentalmente no próprio crescimento econômico mais expressivo, que dinamizou o mercado de trabalho e ampliou bastante as oportunidades de geração de emprego e renda. Em segundo, temos a contribuição decisiva da manutenção e avanço da recuperação do poder de compra do salário mínimo, com forte repercussão na base do mercado de trabalho, e cujo alcance foi ampliado pela expansão do emprego formal.

Por outro lado, o aumento do salário mínimo também impactou significativamente nos benefícios previdenciários e sociais reforçando bastante o movimento de redução da miséria. Por fim, as políticas de transferência de renda, particularmente o programa Bolsa Família, complementam este processo ao oferecer assistência social aos segmentos mais vulneráveis e, de certa forma, à margem dos progressos ocorridos no mercado de trabalho. Em seu conjunto, estes avanços ocorridos na base da sociedade dinamizaram bastante o mercado de consumo popular, realimentando o processo e despertando o interesse das empresas e profissionais que o abastecem com mercadorias e serviços.

## A estrutura social

No que diz respeito à estrutura social, os dados apontam que este duplo movimento de ampliação das oportunidades para os segmentos populares e de redução da miséria resultou ba-

sicamente no crescimento da massa trabalhadora (pobre) e da baixa classe média (remediada)<sup>1</sup>. Para ilustrar, o padrão de vida desta baixa classe média é aquele dos professores do ensino fundamental, dos balconistas do comércio, dos caixas de supermercado, dos auxiliares de enfermagem, dos auxiliares de escritório, dos trabalhadores com alguma qualificação, etc. Entretanto, para o expressivo contingente de pessoas que no início deste processo já se encontravam na baixa classe média, as oportunidades de ascensão foram muito mais restritas, uma vez que a expansão da média classe média foi menos significativa e a alta classe média ficou estagnada. Em nossa avaliação, esta perda de dinamismo nos estratos melhor situados da classe média deve estar refletindo as debilidades estruturais da nossa economia, particularmente no que

<sup>1</sup> Cf. QUADROS, Waldir - *Melhorias sociais no período 2004 a 2008*. Texto para discussão nº 176, maio de 2010, disponível em: [www.eco.unicamp.br](http://www.eco.unicamp.br) (Nota do entrevistado)

diz respeito aos constrangimentos que se verificam na indústria, nos serviços produtivos e no desenvolvimento científico e tecnológico de um modo geral. E estes obstáculos a um desenvolvimento mais avançado e com melhores oportunidades ao trabalho mais qualificado e melhor remunerado, em grande medida, resultam da política de juros elevados e câmbio valorizado que estimulam as importações e penalizam a produção nacional.

**IHU On-Line - Já em 2008<sup>2</sup> o senhor considerava a nova classe média individualista e consumista. Mantém essa posição? Acredita que ela seja também conservadora? Em que medida o contexto social favorece um possível conservadorismo?**

**Waldir Quadros** - O consumismo e o individualismo generalizaram-se na sociedade brasileira nas últimas décadas, num quadro de enfraquecimento dos valores da cidadania, da solidariedade, da igualdade, do espírito público republicano, etc. O conservadorismo também está profundamente arraigado em nosso meio social, porém necessita ser melhor qualificado, o que escapa um pouco do meu campo de atuação profissional. Em termos gerais, ele é identificado à manutenção de privilégios e de situações em que se tira proveito da desigualdade. Estas mazelas não estão restritas às elites e, em maior ou menor grau, afetam igualmente as camadas intermediárias e mesmo as populares. O professor André Singer recentemente ofereceu interessante contribuição a esta problemática, caracterizando o conservadorismo popular como o respeito à ordem, em que as mudanças são bem-vindas, mas devem ocorrer sem conflitos<sup>3</sup>. Um outro ângulo de análise que me parece relevante diz respeito aos impactos nas camadas melhor situadas da classe média decorrentes da redução da miséria e da pobreza. Este assunto, sem dúvida, merece uma reflexão mais cuidadosa e demorada, porém um aspecto que

## “A forma como que o governo vem equacionando a exploração do pré-sal me parece totalmente adequada aos interesses nacionais e sociais”

se destaca de imediato é o mal estar provocado pelo relativo encarecimento dos serviços pessoais, particularmente o trabalho doméstico. Para muitos é igualmente perturbador o surgimento de amplos contingentes de novos consumidores em ambientes anteriormente mais seletivos, como é o caso dos aeroportos. Sem falar dos empresários que dependem de mão de obra mal remunerada para assegurar suas margens de lucro e padrão de vida diferenciado. Estes rápidos exemplos nos parecem suficientes para ilustrar as dificuldades envolvidas na promoção de avanços sociais numa sociedade que se estrutura e funciona com base na desigualdade. Envolve profunda mudança de valores e reorganização da vida das pessoas e famílias, apontando para a urgência de uma atenção especial por parte dos intelectuais, homens públicos, educadores, formuladores de políticas sociais e todos aqueles preocupados com a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

**IHU On-Line - Como ficam os movimentos sociais sob a ótica dessa nova classe média que surgiu com o lulismo? Nesse novo cenário qual é o lugar do capital e do trabalho?**

**Waldir Quadros** - Um pré-requisito fundamental para a construção de um cenário social mais promissor localiza-se na urgente reestruturação dos serviços públicos indispensáveis à vida coletiva em bases civilizadas. Estamos falando de serviços de boa qualidade e acessíveis a todos, não apenas aos pobres e necessitados, na educação, saúde, saneamento, habitação, segurança pública, cultura, lazer e entretenimento,

etc. Sem esta infraestrutura social é impossível pensarmos em uma convivência democrática e norteada pela igualdade, com elevação contínua nos padrões de sociabilidade. E este me parece ser um dos campos mais férteis para o revigoramento dos movimentos sociais reivindicatórios. Porém, que requer clareza e determinação renovadas dos setores políticos e sociais identificados com estas causas. Por outro lado, é necessário atentarmos para o crucial aspecto do financiamento destas políticas sociais avançadas, o que nos remete à questão da justiça tributária e fiscal, bastante espinhosa numa sociedade profundamente marcada pela precariedade dos serviços públicos, pelo generalizado descaso do Estado para com o cidadão comum que procura atendimento e pela cultura bastante disseminada de não pagar impostos. Também aqui será necessária uma atuação firme e decidida do pensamento progressista no sentido de esclarecer todos os aspectos desta questão, afastando névoas e preconceitos ideológicos difundidos pelos influentes setores conservadores e que confundem, sobremaneira, a opinião pública. No que diz respeito especificamente às relações de trabalho, a contínua e indispensável elevação dos rendimentos reais, que complementa a oferta de serviços públicos sociais, requer que avancemos decididamente na participação dos rendimentos do trabalho na renda nacional. O que, entre outras providências, passa por condições mais favoráveis ao funcionamento dos sindicatos, à redução dos corrosivos níveis de rotatividade, ou seja, por uma regulação benéfica aos trabalhadores e prestadores de serviços. E também por avanços na reforma agrária e desenvolvimento da agricultura familiar, uma vez que parcela expressiva dos miseráveis se encontra no campo ou em ocupações agrícolas.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa a questão do crédito no país hoje e como vê o caso do Banco Panamericano? O que isso significa? Que rumos podem ser desenhados no futuro a partir disso?**

**Waldir Quadros** - Apesar dos recentes avanços no crédito ao consumo, ainda falta equacionar o aspecto das taxas de

<sup>2</sup> Conferir a entrevista concedida à IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/aYY6PC> (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Cf. SINGER, André - *As raízes sociais e ideológicas do Lulismo*. Novos estudos Cebrap, São Paulo, dezembro de 2009. (Nota do entrevistado)

juros verdadeiramente extorsivas que oneram os consumidores e facultam lucros extraordinários aos financiadores. Progressos mais significativos ocorreram no crédito imobiliário. Porém, o crédito ao investimento e produção ainda se ressentem da histórica falta de financiamento de longo prazo a taxas compatíveis. Já o caso do Banco Panamericano me parece mais relacionado com fraudes e desvios, embora não seja especialista no assunto e nem disponha de informações mais qualificadas. Em termos de futuro, e em poucas palavras, recoloca-se a urgência de implementarmos uma autêntica reforma financeira e bancária, que institua um padrão de financiamento adequado a uma economia desenvolvida em termos industriais, tecnológicos, ambientais e de serviços produtivos correlacionados.

**IHU On-Line - Na sua opinião, o que deve ser feito com o pré-sal? Vendê-lo como commodity ou usá-lo para dar um salto no país?**

**Waldir Quadros** - A forma como que o governo vem equacionando a exploração do pré-sal me parece totalmente adequada aos interesses nacionais e sociais. Assegura o controle das reservas, regula sua exploração e prevê uma gestão financeira que impede a chamada doença holandesa, em que a abundância de divisas advindas das exportações estimula importações em prejuízo da produção nacional. Particularmente, merece destaque a política de industrialização associada à exploração do petróleo, que já teve início com o incentivo à produção no país de sondas de perfuração, de navios petroleiros e de ampla gama de peças, equipamentos e serviços especializados. Da mesma forma, é altamente auspiciosa a proposta de constituição de um fundo social à altura do nosso imenso passivo nesta área. Sem dúvida, trata-se de uma rara oportunidade histórica para enfrentarmos questões estruturais, capacitando-nos a nos libertar em prazo relativamente curto das mazelas que maculam nossa sociedade e economia.

**IHU On-Line - Quais são as perspectivas do lulismo? Como Dilma governará a partir desse cenário?**

**Waldir Quadros** - O governo Dilma herdará todos os progressos conquistados no governo Lula, mas para ser bem sucedido deverá continuar avançando e enfrentar os desafios estruturais ainda não equacionados, e de certa forma abordados nas questões anteriores. Por outro lado, o cenário internacional já apresenta algumas nuvens bastante preocupantes, particularmente no que diz respeito ao crescente déficit em conta corrente. Entretanto, nossas potencialidades atuais facultam que os problemas sejam solucionados na perspectiva do desenvolvimento econômico e social. É verdade que os obstáculos não são nada triviais e exigirão a combinação de lucidez, tenacidade, coragem e determinação para serem enfrentados a contento. Além daquilo que já discutimos, merece acrescentar a urgência de uma profunda reforma administrativa em todas as instâncias governamentais e federativas, que construa padrões de eficiência estatal compatíveis com as necessidades operacionais das várias frentes de atuação, tanto no âmbito econômico como social. Tal providência é particularmente vital nas áreas sociais, que, maltratadas pelo regime militar, foram profundamente dilapidadas pela estagnação dos anos 1980 e pela nefasta orientação neoliberal que se instaura nos anos 1990. Por outro lado, nos parece evidente ser necessária uma abordagem ousada e criativa, que rompa com paradigmas tornados obsoletos pelo rebaixamento generalizado dos padrões éticos e de comprometimento com o interesse público. Por tudo que conhecemos da nova presidente, e diante dos primeiros pronunciamentos após sua eleição, podemos confiar que estará à altura destes desafios e possibilidades.

#### LEIA MAIS...

>> Waldir Quadros já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

*\* A classe média aponta para o forte predomínio do individualismo e do consumismo.* Publicada na edição número 270, intitulada *Uma nova classe média brasileira?*, de 25-8-2008. Disponível no link <http://bit.ly/aYY6PC>;

*\* Grupos nacionais com projeção internacional: o avanço econômico.* Publicada na edição número 322, intitulada *A reestruturação do capitalismo brasileiro*, de 22-03-2010. Disponível no link <http://bit.ly/dWetzn>.



# Orações Ilustradas.

Acesse em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## “Classe média, renda e crédito são sinônimos do capitalismo”

José Dari Krein percebe que a identificação do povo brasileiro com o lulismo se dá muito mais pela progressão no consumo do que por uma identidade política criada com o governo

POR GRAZIELA WOLFART

“O crédito no capitalismo é algo absolutamente central, importantíssimo”. A afirmação é do economista José Dari Krein, professor na Unicamp. No entanto, se o acesso ao crédito pode acarretar uma crise social no futuro “ainda é cedo para saber”, defende. Na entrevista que segue, concedida por telefone à IHU On-Line, Dari explica que “o que pode colocar uma crise no futuro não é o acesso ao crédito ou não. O que começa a criar dificuldades em relação ao acesso ao crédito é quando se passa a entrar em crise econômica, quando se tem desempenho econômico pífio, quando volta a crescer a inflação e a gerar desemprego. A questão da crise social no futuro está muito mais relacionada com a dinâmica e o desempenho da economia do que com o acesso ao crédito. É claro que, se quisermos ter mecanismos de controle da inflação, podemos criar regras dificultando o acesso ao crédito, como uma das alternativas. Ao invés de aumentar a taxa de juros, limita-se o crédito”. Para o pesquisador, “quando se tem crescimento econômico, como tivemos no período recente, é muito mais fácil acomodar os diferentes interesses presentes na sociedade, inclusive fazer melhores políticas públicas. É impossível imaginar uma política de valorização do salário mínimo sem ter como pressuposto o crescimento econômico”.

Graduado em Filosofia pela PUC-PR, José Dari Krein tem mestrado e doutorado em Economia Social e do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas, onde atualmente é professor no Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor percebe a emergência de uma nova classe média com o lulismo? O que a caracteriza e como surge?**

**José Dari Krein** - Com o melhor desempenho da economia nos últimos anos, especialmente de 2004 em diante, e também como se tinha antes uma situação de estagnação da economia e uma mobilidade social até decrescente, o que aconteceu no período recente é que ascendeu ao consumo uma quantidade expressiva de pessoas que antes tinham uma perspectiva de consumo bem mais limitada. O que se caracteriza com isso e com o melhor desempenho no mercado de trabalho, com o aumento do salário e com o acesso ao crédito, é a formação de uma classe média baixa, mais robusta numericamente, mas não a classe média tradicional. É uma classe média que consegue ter acesso a determina-

dos bens, que conseguiu aumentar a sua renda, mas não podemos considerá-la uma classe média tradicional. Trata-se de uma melhora expressiva, mas não dá para associar isso automaticamente ao que se chama de lulismo. Não existe uma fidelidade de segmento clara com o lulismo. A identidade se dá muito mais pela progressão no consumo do que por uma identidade política criada com o governo. Onde existe uma fidelidade maior com o chamado lulismo é com os segmentos mais empobrecidos da sociedade, que tem dependência mais direta, que tinham condições de vida bem piores e que, com a elevação do salário mínimo, com as políticas de transferência de renda, com o acesso ao crédito e com emprego, têm uma ligação maior com o chamado lulismo do que essa classe média que ascende ao consumo no período recente.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a questão do crédito no Brasil hoje, por exemplo, o caso do Banco Panamericano? O que isso significa? Pode acarretar uma crise social no futuro?**

**José Dari Krein** - Classe média, renda e crédito são sinônimos do capitalismo. No caso brasileiro, o acesso ao crédito se viabilizou pela inflação mais baixa. Nossa taxa de juros continua muito elevada, mas o alongamento das prestações também facilitou. O cálculo principal que boa parte das pessoas faz quando compra um produto não é quanto está pagando de juros, mas se a prestação cabe no seu rendimento mensal. O crédito no capitalismo é algo absolutamente central, importantíssimo. Se isso pode acarretar uma crise social no futuro, ainda é cedo para saber. Os indicadores hoje mostram que o endividamento das famílias ainda não é algo fora de controle.

O que pode colocar uma crise no futuro não é o acesso ao crédito ou não. O que começa a criar dificuldades em relação ao acesso ao crédito é quando se começa a entrar em crise econômica, quando se tem desempenho econômico pífio, quando volta a crescer a inflação e a gerar desemprego. A questão da crise social no futuro está muito mais relacionada com a dinâmica e o desempenho da economia do que com o acesso ao crédito. É claro que, se quisermos ter mecanismos de controle da inflação, podemos criar regras dificultando o acesso ao crédito, como uma das alternativas. Ao invés de aumentar a taxa de juros, limita-se o crédito.

#### **IHU On-Line - Como ficam os movimentos sociais sob a ótica dessa nova classe média que surgiu com o lulismo?**

**José Dari Krein** - É algo legítimo as pessoas pensarem na melhoria da sua condição de vida. Tanto que essa melhoria fez com que boa parte das pessoas tivesse um certo receio de que as coisas que estão mais ou menos caminhando num sentido mais positivo poderiam não continuar num governo com outra perspectiva. E essa é a razão fundamental da vitória de Dilma. Boa parte da votação da presidente eleita é para preservar as conquistas alcançadas no período recente. Essa preservação do que está sendo conquistado tem uma relação direta com a ampliação do consumo. Do ponto de vista sindical, há um fortalecimento dos sindicatos na categoria profissional em torno da questão salarial, com algum pequeno aumento salarial. Se olharmos do ponto de vista mais geral, há uma preocupação de parte expressiva dos segmentos da classe média com a estruturação das políticas públicas, especialmente da saúde e da educação. Esses dois temas ganharam grande importância na campanha eleitoral de 2010, porque se houve uma melhoria na questão salarial, de emprego e do acesso ao crédito, a mesma melhoria não é perceptível nas políticas sociais especialmente voltadas à saúde e à educação. Para se consolidar uma classe média, esses são dois campos fundamentais que precisam ser mais desenvolvidos. Vejo aqui um movimento meio silencioso na sociedade,

e o processo eleitoral revelou. Junto a isso, aparece a questão ecológica por parte da classe média mais tradicional. São temas que emergiram como preocupação no pleito eleitoral, junto com a ética e a questão da corrupção.

#### **IHU On-Line - Nesse novo cenário, o senhor identifica um favorecimento do capital e do trabalho?**

**José Dari Krein** - Quando se tem crescimento econômico, como tivemos no período recente, é muito mais fácil acomodar os diferentes interesses presentes na sociedade, inclusive fazer melhores políticas públicas. É impossível imaginar uma política de valorização do salário mínimo sem ter como pressuposto o crescimento econômico. O segundo aspecto que gostaria de destacar é que, na sociedade brasileira, há crescentemente uma polarização entre as forças que defendem e os setores que são contra Lula e o lulismo. Dentro disso, quase a totalidade do movimento sindical e do trabalho acabou assumindo a defesa das conquistas do período recente contra essa polarização da sociedade. O terceiro aspecto que quero colocar é que temos, nesse cenário, do ponto de vista econômico, a formação de um novo bloco político de poder, que tem uma tentativa de proposta desenvolvimentista para o país. Aqui temos uma articulação entre parte do capital e parte do trabalho. Então, nesse sentido, quando há um período de crescimento econômico, temos um processo de acomodação de interesses, inclusive entre setores da burguesia e do proletariado.

#### **IHU On-Line - Na sua opinião, há necessidade de um ajuste fiscal no próximo governo ou não? E como conciliar isso com os investimentos que o país precisa fazer?**

**José Dari Krein** - Nos últimos anos, o governo brasileiro tem feito ajuste fiscal, mesmo no governo Lula. O que percebemos como tendência é uma queda do montante da dívida em relação ao PIB, ou seja, a riqueza gerada. E essa queda expressiva se explica não tanto pelo ajuste fiscal, mas fundamentalmente pelo crescimento econômico. Não vejo necessidade de

aprofundar o ajuste fiscal nesse momento, mesmo que alguns apontem o risco de inflação. É fundamental ampliar a melhoria das políticas sociais, especialmente na questão da saúde e da educação.

#### **IHU On-Line - O que fazer com o pré-sal, na sua visão? Vendê-lo como commodity ou usá-lo para dar um salto de qualidade no país?**

**José Dari Krein** - O pré-sal precisa ser gerido pelo Estado, colocando-o a serviço de pensar o país estrategicamente. Mesmo sabendo que o petróleo é uma commodity, uma fonte energética poluidora, destruidora do meio ambiente, ele ainda tem espaço. Hoje se debate muito sobre a criação de um fundo de reserva para não inundar o Brasil de dólares, o que causaria um desequilíbrio econômico, ou a chamada doença holandesa. Precisamos considerar aqui que o Brasil tem um déficit muito grande nas áreas da educação e da saúde. Por isso, usar o pré-sal para dar um salto de qualidade no país seria fundamental para fazer esses investimentos necessários nos serviços sociais centrais para a sociedade. O ritmo da exploração do pré-sal deve estar de acordo com os interesses do Brasil.

#### **LEIA MAIS...**

>> Confira outras entrevistas concedidas por José Dari Krein à IHU On-Line. Acesse nossa página eletrônica ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

\* *Por uma redução abrupta da jornada de trabalho.* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 01-06-2010, disponível em <http://bit.ly/fQs25r>;

\* *O esgotamento de um modelo de desenvolvimento e da globalização neoliberal.* Edição número 291, de 04-05-2009, intitulada *O mundo do trabalho e a crise sistêmica do capitalismo globalizado*, disponível em <http://bit.ly/h3su59>;

\* *Não basta reduzir a jornada de trabalho. É necessário fiscalizar.* Edição número 256, de 28-04-2008, intitulada *O mundo do trabalho no Brasil de hoje. Mudanças e novos desafios*, disponível em <http://bit.ly/eOQlrg>;

\* *A contribuição sindical é uma proposta positiva e necessária.* *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 10-09-2008, disponível em <http://bit.ly/ii3Q5h>;

\* *Tendências recentes das relações de emprego no Brasil.* *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 09-04-2007, disponível em <http://bit.ly/gH9Z7z>;

\* *Um pacote pontual. Uma análise da reforma trabalhista de Lula.* *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 20-04-2006, disponível em <http://bit.ly/hOt7F8>.

## Os movimentos sociais e o lulismo

Lulismo é uma “prática particular de gerenciamento do Estado e de governabilidade política, algo a meio caminho entre os populismos clássicos e as socialdemocracias de tom pragmático”, define o sociólogo Carlos A. Gadea

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“O lulismo modificou não só a estrutura dos movimentos sociais, mas também o sistema político em seu conjunto”, constata Carlos A. Gadea. Segundo ele, nos últimos anos, o governo manteve uma relação “ambígua” com os movimentos sociais, “engolindo-os” na maquinaria institucional ou subordinando-os às políticas de compensação na participação direta ou indireta no próprio aparelho do Estado”. Nos últimos oito anos, eles “reduziram a marcha e muitos se incorporaram como por efeito de osmose ao que seria o lulismo, restando neles o esvaziamento das suas bases e o aparelhamento dos seus dirigentes. Abandonaram o anti-institucionalismo em prol de somar-se aos destinos políticos do governo”.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, o sociólogo menciona que, apesar de os movimentos sociais terem perdido força, surgirão outros, “quem sabe muitos vinculados a iniciativas que, justamente, possam dar um ar mais democrático à participação política e menos dependente das figuras políticas articuladoras e intermediadoras entre a sociedade e o Estado”.

Carlos A. Gadea é doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atualmente, é professor do PPG em Ciências Sociais da Unisinos. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que podemos entender pelo fenômeno do lulismo e que modificações ele provocou na estrutura dos movimentos sociais?**

**Carlos A. Gadea** - O lulismo não é só o resultado político e cultural dos governos do presidente Lula durante os oito anos da sua gestão. Muito menos é um movimento político gerado dentro do PT. É, simplesmente, uma prática particular de gerenciamento do Estado e de governabilidade política, algo a meio caminho entre os populismos clássicos e as socialdemocracias de tom pragmático. Aglutina-se ao redor de uma imagem carismática que outorga à cultura política um ar de certo personalismo caudilhista. O lulismo é o resultado da possibilidade política produzida num contexto determinado do país, em que a negociação intra e interpartidária e políticas sociais que possibilitaram o acesso ao consumo a amplas camadas da população teve como corolário uma modificação política tão substancial que é possível

falar hoje de um momento histórico pós-Lula. Exemplo disso é a ambígua relação que teve com os movimentos sociais, de certa maneira “engolindo-os” na maquinaria institucional ou subordinando-os às políticas de compensação na participação direta ou indireta no próprio aparelho do Estado. O lulismo modificou não só a estrutura dos movimentos sociais, mas também o sistema político em seu conjunto.

**IHU On-Line - O que podemos entender a partir da articulação entre movimentos sociais e Estado?**

**Carlos A. Gadea** - Aquilo que possibilita a governabilidade política a despeito de desradicalizar os movimentos sociais, ao incorporá-los de diversas maneiras na vida institucional do país. Muitos movimentos viraram organizações, meras estruturas formais que em definitivo se tornaram atores sociais intermediadores da ação do Estado e do governo com a heterogênea sociedade brasileira.

**IHU On-Line - Segundo o sociólogo Rudá Ricci, movimentos sociais como o MST tem tempo de vida contado no Brasil, aproximadamente cinco anos. O senhor concorda? Por quê?**

**Carlos A. Gadea** - Entendo o espírito da resposta do Ricci. Ele estava se referindo a esse processo de institucionalização dos movimentos sociais e, nesse sentido, da incapacidade de poder ser autônomos aos desígnios do Estado e do sistema político em geral. Ao virarem organizações, o que se entende por movimento social desaparece, conceitualmente falando. Aí Ricci está certo. Com relação ao MST, é claro que já não é mais um movimento social e sim uma organização que mantém uma relação muito particular com o lulismo, de amores e desavenças também. Agora, não sei se é possível falar em datas e, inclusive, se é possível falar na incapacidade, visto o modelo político instaurado, da emergência de movimentos sociais ou ações coletivas diversas no cenário sociopolítico do

país. Acho que aí há uma superavaliação do lulismo.

**IHU On-Line - Como está a estrutura dos movimentos sociais após oito anos de lulismo?**

**Carlos A. Gadea** - Os movimentos sociais, assim como algumas centrais sindicais de trabalhadores, tiveram que reavaliar seu agir e começar a ver de outros olhos o processo político que estava surgindo. De fato, aquele setor político mais próximo às suas demandas havia chegado ao poder. Daí, os movimentos sociais reduziram a marcha e muitos se incorporaram como por efeito de osmose ao que seria o lulismo, restando neles o esvaziamento das suas bases e o aparelhamento dos seus dirigentes. Abandonaram o anti-institucionalismo em prol de somar-se aos destinos políticos do governo. Isso é evidente, e resta saber as consequências políticas imediatas que isso levou para o próximo governo do PT sob a presidência de Dilma. Manterá a mesma relação que Lula?

**IHU On-Line - Com o surgimento de uma nova classe média, ou seja, com a ascensão econômica de muitas famílias brasileiras, qual passa a ser o papel dos movimentos sociais? Eles perdem força ou podem ressurgir no cenário nacional com novas perspectivas?**

**Carlos A. Gadea** - É engano pensar que os movimentos sociais são simplesmente o produto da precariedade econômica ou a pobreza concretamente. Podem perder força, mas não necessariamente pela suposta ascensão econômica de uma parcela significativa da população, e, sim, pelo que se mencionou anteriormente: pela sua institucionalização via cooptação e, por que não, via clientelismo político. Surgirão novos movimentos, quem sabe muitos vinculados a iniciativas que, justamente, possam dar um ar mais

**“O lulismo é mais do que o PT, e estaremos governados, talvez pela primeira vez, não por uma pessoa, e sim por uma estrutura partidária”**

democrático à participação política e menos dependente das figuras políticas articuladoras e intermediadoras entre a sociedade e o Estado. Creio que os futuros descontentamentos não serão tanto contra uma prática política do governo ou contra o Estado. Intuo que será contra essa “nova classe” criada pelo lulismo de intermediadores que oficiaram como “negociadores” em instâncias políticas decisivas. Em definitivo, trata-se de uma crítica a uma burocratização crescente do exercício da política e do próprio Estado.

**IHU On-Line - O que explica o sucesso de constituição e consolidação do lulismo?**

**Carlos A. Gadea** - Dois pilares: o carisma do presidente Lula, com uma grande capacidade de comunicação e de identificação na maioria dos brasileiros; e a percepção na população do relativo êxito de políticas econômicas que reduziram a pobreza, concomitante a uma visibilidade externa do país com um notório êxito.

**IHU On-Line - Que mudanças nas camadas ou estratos sociais brasileiros foram provocadas pelo lulismo?**

**Carlos A. Gadea** - Parece-me reduzir demais os fatos ao dizer isto, mas creio que a mais importante seja a capacidade de consumo, que, obviamente,

se vê acompanhado pelos efeitos subjetivos que em cada um ocasiona: autoestima, visibilidade, status, e por aí vai. Não obstante, reconheço que o lulismo abriu ou canalizou, em certa medida, uma agenda de temas vinculados a questões sociais, e que isso trouxe percepções positivas em muitas pessoas. O incentivo para a pesquisa em ciência e tecnologia é uma demonstração.

**IHU On-Line - Quais as perspectivas dos movimentos sociais em relação ao mandato da presidente eleita, Dilma Rousseff? Como os movimentos deverão articular com a nova presidente?**

**Carlos A. Gadea** - Há já toda uma maquinaria muito bem azeitada a respeito, e não me parece que os movimentos sociais sofrerão modificação na sua relação com o novo governo. De todas as maneiras, Dilma não tem o mesmo perfil “negociador” de Lula e, inclusive, a sua visão de gestão política administrativa não é tão semelhante à de Lula. Pode ser que tenham um menor protagonismo, inclusive ficando de lado antigos líderes incorporados ao lulismo na sua tarefa política de intermediação. Pouco se sabe a respeito, pois se especula muito sobre a nova presidente.

Parece-me que teremos uma leve transição do que se denominou lulismo para um petismo, processo com um traço menos hábil para a negociação, mais tecnocrata, talvez algo mais verticalista nas decisões políticas e com a base política de sustentação em quadros do PT que não haviam sido muito felizes na época do lulismo. Assim, penso que o lulismo é mais do que o PT, e estaremos governados, talvez pela primeira vez, não por uma pessoa, e sim por uma estrutura partidária. Inicia-se uma nova etapa, em que Lula estará presente, mas não creio que da maneira em que muitos supõem.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## A memória, uma categoria central do cristianismo

Problema do cristianismo não são as crenças, mas os sujeitos, afirma José Antonio Zamora, com base no pensamento de Johann Baptist Metz. A memória é fundamental para entendermos o que moveu as injustiças em outros tempos

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO ANA CASAROTTI

“**M**etz sempre tem dito que o problema do cristianismo não tem sido de crenças, senão de sujeitos, e neste sentido há uma proximidade entre a Teologia da Libertação e a teologia política, na medida em que os processos práticos de constituição dos sujeitos são processos históricos, sociais, processos de luta por chegar a ser sujeitos, por chegar a constituir-se como sujeitos em condições sociais e históricas dadas”. A análise é do filósofo José Antonio Zamora na entrevista que concedeu, pessoalmente, à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, “há uma relação muito estreita e de muito diálogo entre a Teologia da Libertação e a teologia política”. Orientando do renomado teólogo Johann Baptist Metz, Zamora considera o pensamento de seu mestre como importante no panorama europeu. Metz mobiliza a memória, categórica fundamental da cultura judaico-cristã, como “categoria crítica da cultura moderna, dos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos e da liberdade moderna”. Ainda sobre a memória, Zamora pontua que não é possível se falar em justiça para o presente “se não somos capazes de descobrir os mecanismos que têm produzido vítimas no passado, porque, senão, nosso combate pela justiça atual está condenando a reproduzir a injustiça passada. E então temos algo que aprender da memória do sofrimento passado para o presente. Nesse sentido, a solidariedade atual carrega uma herança - a herança das esperanças e a herança dos fracassos, das mutilações, das destruições que têm sofrido os sujeitos no passado”.

Zamora foi conferencista do XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana, em 14-09-2010, com o tema *Temporalidade capitalista, exploração da vida humana e tempo messiânico*. Docente no Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas - CSIC da Espanha, é autor de, entre outros, *Th. W. Adorno: pensar contra la barbarie* (Madrid: Trotta, 2004) e *Ciudadania, multiculturalidad e inmigración* (Navarra: Verbo Divino, 2003). Estudou Filosofia, Psicologia e Teologia na Universidade Pontifícia de Comillas, em Madri. Doutorou-se na Universidade de Münster, na Alemanha, com uma tese sobre Theodor Adorno, orientada por Johann Baptist Metz. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Poderia traçar um panorama intelectual da Espanha hoje?**  
**José Antonio Zamora** - Não é fácil traçar um panorama intelectual de um país que é composto por uma realidade tão complexa, ampla e diversa. Na realidade, assim como acontece nos países desenvolvidos, os intelectuais espanhóis têm formado parte daquilo que se poderia descrever como indús-

tria da cultura. Somos um elemento a mais dessa indústria. Aqueles intelectuais que produzem saberes que são diretamente utilizáveis nos processos produtivos, ou nas organizações, na administração, na urbanização social, têm uma função de produzir saber numa sociedade que se chama de “sociedade do conhecimento”. Talvez o mais difícil é a posição dos intelectuais

críticos e a relativa autonomia que a sociedade e a cultura burguesa concedeu a eles, pois é algo que vai se perdendo. Ao intelectual resta integrar-se à cultura de massas, como o fazem diversos intelectuais na Espanha, que participam da cultura midiática (filósofos, literatos, autores reconhecidos com grandes vendas ao público). Eles são, evidentemente, intelectuais que

têm uma postura crítica, mas têm que produzir um tipo de discurso que é assumível pelo mercado. Dizer que existe algo como um pensamento espanhol é uma afirmação difícil, sobretudo em função dos efeitos da guerra civil e o exílio subsequente. O panorama intelectual espanhol tem vivido muito da importação, de correntes europeias, francesas, italianas, e é difícil afirmar que exista um pensamento filosófico e de outro tipo que possa distinguir-se.

**IHU On-Line - O senhor foi orientando do renomado teólogo Johann Baptist Metz<sup>1</sup>. Qual é a importância da obra deste teólogo para a Teologia da Libertação?**

**José Antonio Zamora** - Eu acredito que a Teologia da Libertação e a Teologia Política, a nova Teologia Política de Metz, são duas teologias irmãs, que poderíamos chamar de teologias pós-idealistas, que colocam no centro da teologia a práxis e a constituição dos sujeitos crentes. Metz sempre tem dito que o problema do cristianismo não tem sido de crenças, senão de sujeitos, e neste sentido há uma proximidade entre a Teologia da Libertação e a Teologia Política, na medida em que os processos práticos de constituição dos sujeitos são processos históricos, sociais, processos de luta por chegar a ser sujeitos, por chegar a constituir-se como sujeitos em condições sociais e históricas dadas. Esse é um elemento constitutivo do discurso teológico. A diferença que podemos traçar entre a Teologia da Libertação e a Teologia Política é algo geral. Contudo, a diferença entre essas teologias e a doutrina social da Igreja é que, em grande medida, esta parte da existência de um *corpus* dogmático e se pergunta sobre

1 Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade, e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://migre.me/2zn3s>. (Nota da IHU On-Line)

## “Ao intelectual resta integrar-se à cultura de massas, como o fazem diversos intelectuais na Espanha, que participam da cultura midiática”

sua realização na história por meio da dimensão política e ética. O que vem a dizer a Teologia da Libertação e a Teologia Política é que o político é constitutivo do próprio discurso dogmático e do próprio discurso teológico. Assim, o teológico é político.

A Teologia Política se entende mais como uma teologia corretiva, como uma teologia de crítica da religião burguesa, que é a religião da maioria na Europa. Estabelecida, a Teologia Política é uma teologia bastante sozinha, e evidentemente que é reclamada por sujeitos eclesiais ou sujeitos crentes, que leem o mundo da fé a partir dessa teologia. Há uma relação muito estreita e de muito diálogo entre a Teologia da Libertação e a Teologia Política.

**IHU On-Line - Como Metz influencia a Igreja de nossos dias? E que contribuições traz para uma ligação mais estreita entre a Teologia, a memória e a solidariedade?**

**José Antonio Zamora** - Poderíamos dizer que a teologia de Metz tem sido muito importante. Ela tem tido certo peso no panorama teológico europeu, mas eu não supervalorizaria sua influência eclesial. Há uma diferença com respeito à Teologia da Libertação, então digamos que essa influência, talvez em torno ao Concílio Vaticano II, se dá na medida em que teve um renascer da Igreja e uma valorização de certas posições teológicas. Pensemos em tantos teólogos que nesse momento têm tido relevância, como Hans Küng<sup>2</sup> ou

2 Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o

o próprio Metz, a revista *Concilium*, e evidentemente a contribuição que teve Metz para a renovação do panorama teológico. Dessa maneira, também a renovação da Igreja tem sido muito importante. Mas se podemos dizer que movimentos eclesiais reclamam para si mesmos a Teologia Política, pois isso é mais difícil de nomear naturalmente, tem havido os movimentos especializados da ação católica, que em grande medida na Europa têm importado a Teologia da Libertação de maneira errônea, como se fosse uma espécie de transfusão de sangue jovem. Entretanto, os grupos e as comunidades cristãs de base e os grupos especializados da ação católica têm olhado para a própria América Latina e nesse sentido são muito poucos os que têm sabido ver o que aportava a Teologia Política não no panorama teológico, mas na realidade eclesial. Eu digo que tem havido muito aporte da teologia de Metz na Europa e em muitos outros cantos.

### Teoria Crítica e Teologia Política

Por outro lado, sobre o vínculo entre teologia, memória e solidariedade, digamos que a Teologia Política é uma teologia que coloca a lembrança e a memória como uma categoria central do cristianismo. Essa categoria recebe sua importância naturalmente tomando em consideração a perspectiva

de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes 'religiões, sendo autor de obras, como A Igreja Católica, publicada pela editora Objetiva e Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPF, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do "Projeto de ética mundial". Confira no site do IHU, em <http://migre.me/ROs7>, a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. Visite, também, a Fundação de Ética Mundial, no site do IHU: <http://migre.me/ROsQ>. (Nota da IHU On-Line)

que o cristianismo é uma comunidade que se manteve no tempo e que vive dessa referência rememorativa. O que Metz faz é mobilizar essa categoria tão importante da cultura judaico-cristã como uma categoria crítica da cultura moderna, dos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos e da liberdade moderna. Seu ponto de encontro é com pensadores como Theodoro Adorno<sup>3</sup>, Walter Benjamin<sup>4</sup> e Max Horkheimer<sup>5</sup>. Como a Teoria Crítica<sup>6</sup>, que tem revelado que o projeto de emancipação moderno é um projeto que não se tem ilustrado sobre si mesmo e no qual o sujeito não é consciente de suas próprias contradições na afirmação da sua liberdade, de sua autonomia, digamos que a racionalidade moderna, na medida em que tem destruído sua capacidade de memória, tem fechado os olhos frente a seus próprios déficits. É necessário recompor a relação com o passado e, sobretudo, com o passado das vítimas, dos sujeitos que têm sido aniquilados, destruídos. É preciso reconstruir a relação com o passado das injustiças que têm sofrido nossos antecessores, reconhecer a dívida que o presente

3 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

4 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão e crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

5 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

6 Teoria Crítica da Sociedade: abordagem teórica que, contrapondo-se à Teoria Tradicional, de tipo cartesiano, busca unir teoria e prática, ou seja, incorporar ao pensamento tradicional dos filósofos uma tensão com o presente. A Teoria Crítica da Sociedade tem um início definido a partir de um ensaio-manifesto, publicado por Max Horkheimer em 1937, intitulado "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". Foi utilizada, criticada e superada por diversos pensadores e cientistas sociais, em face de sua própria construção como teoria, que é autocrítica por definição. A Teoria Crítica é comumente associada à Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

## “Benjamim é relevante para a teologia na medida em que ajuda a desentranhar o momento histórico que vivemos”

tem sobre o passado e tem aniquilado para se redimir da cegueira à própria pretensão de autonomia absoluta e liberdade do sujeito moderno.

### Discurso da Teologia Política

Tudo isso é muito típico da Teologia Política, e não sei se a teologia pública se entende assim. A Teologia Política nunca fala só para os sujeitos crentes. O discurso da Teologia Política acredita que o discurso sobre Deus é um discurso relevante para o mundo, então seu interlocutor não são só os sujeitos eclesiais, senão nos sujeitos em geral, é o mundo. Então, quando se pensa em determinadas categorias como solidariedade e memória, o discurso da Teologia Política é destinado a ter uma incidência crítica no meio da sociedade, no meio da história, no meio do mundo, como comumente fala Metz. Quando Metz fala com pessoas fora da igreja, do mundo, fala de Deus de um modo que questione suas categorias seculares. Quando fala para pessoas da igreja, o faz com uma linguagem secular para questionar-lhes um discurso autossuficiente, teológico.

Evidentemente, nós não podemos reclamar uma justiça para o presente se não somos capazes de descobrir os mecanismos que têm produzido vítimas no passado, porque, caso contrário, nosso combate pela justiça atual estará condenando a reproduzir a injustiça passada. E então temos algo que aprender da memória do sofrimento passado para o presente. Nesse sentido, a solidariedade atual carrega uma herança - a herança das esperanças e a herança dos fracassos, das mutilações, das destruições que têm sofrido os sujeitos no passado.

IHU On-Line - Como aluno de Metz, quais são as maiores recordações que tem dele, dentro e fora do ambiente acadêmico?

José Antonio Zamora - Para compreender Metz é necessário situar-se na Alemanha e atentar para as diferenças das suas regiões. Até sua aposentadoria, Metz viveu em Münster, na Westfalia. Os habitantes dessa região são camponeses muito fechados, pouco comunicativos. Metz é natural da Baviera, onde os “bárbaros” têm uma relação natural com a religião e uma relação religiosa com a cerveja. Metz, em particular, tem uma personalidade muito expansiva e aconchegante. Com os estudantes vindos da Espanha ou da América Latina ele era especialmente muito cordial.

Metz sempre teve um círculo de discípulos muito amplo. Assim, se formava um colóquio de doutorandos numeroso, de pessoas de todo o mundo. Para um estudante que faz doutorado com Metz, essa é uma fonte de enriquecimento constante, porque, além de seu aporte intelectual, há todo o grupo de estudantes das mais variadas partes do mundo. Entre os colóquios dos doutorandos nunca se falava das teses, muito raramente. O assunto era, quase sempre, o debate teológico atual. Esses colóquios programados em forma de seminário era algo muito enriquecedor porque, quando se faz uma tese, tendemos a nos comportar como um cavalo de viseiras, como se só houvesse o nosso próprio trabalho. Com esse círculo, nossos horizontes se abriam, porque continuamente estávamos falando de filósofos, de problemas de ciências sociais, de novas teologias.

IHU On-Line - Qual é o seu contato atual com a Universidade Centro-Americana (UCA)? Tem viajado para El Salvador com frequência?

José Antonio Zamora - A relação com a Universidade de Centro-Americana de El Salvador - UCA - provém de que o Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas - CSIC da Espanha tem mantido sempre uma boa convivência com a faculdade de filosofia da UCA. Muitos

## “Arrisco-me a afirmar que o futuro da teologia depende de que ela não se retraia e não evite o diálogo com o mundo”

professores do CSIC lecionam como visitantes da UCA, como José María Mardones<sup>7</sup>, Reyes Matte<sup>8</sup> e José María Gonzalez<sup>9</sup>.

Certa vez o decano da faculdade de filosofia da UCA, Hector Samur, pediu-me para dar um curso de doutorado naquela instituição. Sou integrante da equipe de professores do doutorado da faculdade de Filosofia. Por outro lado, coordeno um fórum em Murcia, uma cidade do sul da Espanha, cujo nome é Fórum Ignacio de Ellacuría. Então, nossa relação é muito próxima.

### IHU On-Line - Conheceu Ignacio Ella-

7 José María Mardones (1943-2006): filósofo e sociólogo espanhol. Formado na Alemanha, professor de sociologia na Universidade do País Basco e pesquisador do CSIC no Instituto de Filosofia desde o seu início, foi um fecundo autor no campo da filosofia e da sociologia da religião. Escreveu diversos livros, dentre os quais *citamos Dialéctica y sociedad irracional. La teoría de la sociedad de M. Horkheimer, Habermas y religión, Capitalismo y religión e Postmodernidad y cristianismo*. (Nota da IHU On-Line)

8 Reyes Mate: filósofo espanhol, professor do Instituto de Filosofia do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas) e autor do livro *Justicia de las víctimas. Terrorismo, memoria, reconciliación*. (Barcelona: Anthropos, Editorial del Hombre, 2008), entre outros. Em português, citamos *Memórias depois de Auschwitz* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005). Confira a entrevista concedida à *Revista IHU On-Line* 291, de 04-05-2009, intitulada *A memória como antídoto à repetição da barbárie*, disponível em <http://migre.me/2zrbj>. (Nota da IHU On-Line)

9 José María González García (1950): filósofo espanhol. É professor de Investigação no Conselho Superior de Investigações Científicas, de cujo Instituto de Filosofia foi diretor entre 1998 e 2006. Trabalha nos campos da sociologia do conhecimento, teoria sociológica e a filosofia política, prestando especial interesse à obra de Max Weber, e na atualidade trabalha na Universidade de Cambridge. Escreveu, dentre outros, *A Máquina burocrática. Afinidades electivas entre Max Weber e Kafka* (Madri, Visor, 1989). (Nota da IHU On-Line)

### curia<sup>10</sup> e Jon Sobrino<sup>11</sup>? Qual é a im-

10 Ignacio Ellacuría: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11DO7>. No site do IHU visite a Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11DOt>. (Nota da IHU On-Line)

11 Jon Sobrino: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha). É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de reitor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007, disponível para download em <http://migre.me/UHJB>. A IHU On-Line também produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em <http://migre.me/UHKA>. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: *Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino*, disponível em <http://migre.me/UHKE>, ‘Jon Sobrino, com o tempo, será reabilitado’, afirma Ernesto Cavassa, disponível em <http://migre.me/UHL3>, Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé, disponível em <http://migre.me/UHLk>, O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga, disponível em <http://migre.me/UHLN>. (Nota da IHU On-Line)

### portância desses dois teólogos na contemporaneidade?

José Antonio Zamora - Não cheguei a conhecer a Ignacio de Ellacuría. Mas conheci Jon Sobrino na UCA. Visitei-o e falei com ele. Quando pensamos em formar em Mursia um fórum de debates, de discussão, de difusão de pensamento crítico, convertemos intelectuais como Sobrino em nossos referenciais. Isso porque entendíamos que primeiro compartilhamos a opinião de que a realidade só é revelável na sua verdade, quando se olha a partir da perspectiva dos últimos, das vítimas. E o pensamento só pode ser verdadeiro quando se compromete com essa perspectiva e com a libertação das vítimas. Então, nesse sentido foi como os escolhemos estes intelectuais como nossos referenciais.

### IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento de Benjamin nos ajuda a compreender melhor os rumos da Teologia hoje?

José Antonio Zamora - Penso que é preciso ter cuidado para que não ocorra uma teologização de pensadores que não são teólogos. Esse é um pequeno vício dos cristãos, ou do cristianismo. Sempre pretendemos batizar a todos. Benjamim é relevante para a teologia na medida em que ajuda a desentranhar o momento histórico que vivemos. Para uma teologia pós-idealista, pós-metafísica, que não elabora seu discurso sobre Deus desde fora da história, fora da sociedade e dos processos que se vivem na história e na sociedade, aqueles pensadores que nos ajudam a compreender essa história e essa sociedade são fundamentais. Nesse sentido, Benjamim teve intuições que têm a ver com as transformações do capitalismo a partir do final do século XIX, a percepção dos processos que conduziram às grandes catástrofes do século XX, o final do socialismo, além de sua compreensão da estética, da produção cultural no capitalismo do século XX. Walter Benjamim não é só um pensador, mas, em certa medida, é uma testemunha que pagou com a sua própria

[me/UHLN](http://migre.me/UHLN). (Nota da IHU On-Line)

vida. Ele é uma testemunha do perigo, e compreendeu que essa proximidade com o perigo tem um valor capital para desentranhá-lo. Benjamin é um pensador que segue atual.

**IHU On-Line - Considerando o panorama cada vez mais secularizado do Ocidente, quais são os rumos da Teologia no século XXI?**

**José Antonio Zamora** - Não estou muito seguro sobre essa secularização. Está havendo, desde sempre, uma transmutação do sagrado e uma transmutação do religioso. O religioso está em permanente transformação. Provavelmente, hoje temos um panorama muito diversificado, desde os fundamentalismos até uma religiosidade mais ou menos adaptada às leis do mercado. Percebo, inclusive, uma religiosidade de bricolagem e a emergência de uma configuração religiosa de determinados fenômenos chamados seculares. Então, o perigo que pode correr a teologia é de se retrair num debate inacessível. A teologia quer fazer um discurso racional sobre Deus, não só para os crentes, mas para todos. Acredito que se a teologia pode ter futuro e sentido é no descobrimento de sua missão de ser uma reflexão voltada para o mundo, para as realidades do mundo. Aqui há muita potencialidade para que a teologia tenha uma função a partir de seus próprios recursos, com capacidade de crítica, dos processos culturais de ressacralização da economia, da política, além de uma capacidade para intervir criticamente nos processos sociais e culturais. Arrisco-me a afirmar que o futuro da teologia depende de que ela não se retraia e não evite o diálogo com o mundo.

#### LEIA MAIS...

>> José Antonio Zamora já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

\* O império do instante e a memória. Publicada nas Notícias do Dia 01-11-2009, disponível em <http://migre.me/2hLzR>.

# Teologia Pública

## Como preservar o futuro da Igreja?

A vida e o destino da Igreja contemporânea passa pelos avanços pós-conciliares, pelo papel dos bispos e das conferências nacionais, do sacerdote do século XXI e dos desafios que se colocam diante dos leigos na sociedade atual, segundo o teólogo e redator-chefe da revista alemã *Christ in der Gegenwart*

POR MOISÉS SBARDELLOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“A tradição não significa simplesmente apenas a recordação de coisas passadas, mas também a transmissão de coisas novas”. O desafio do cristianismo, portanto, é buscar “a viabilidade no futuro”.

Essa é a opinião do teólogo alemão Johannes Röser, redator-chefe da revista semanal *Christ der Gegenwart*, fundada logo após a Segunda Guerra Mundial. A publicação busca, justamente, “acertar as contas” entre a Igreja de hoje com os demais campos do saber, uma forma de apresentar o “Cristo no presente”, como indica seu nome.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Röser analisa a vida da Igreja contemporânea, passando pelos avanços e impulsos pós-conciliares, o papel dos bispos e das conferências nacionais, do sacerdote do século XXI e dos desafios que se colocam diante dos leigos na sociedade atual.

Para Röser, chegamos, como Igreja, a uma encruzilhada: “A rigor, só há duas alternativas: ou continuar se isolando dos desdobramentos da modernidade na ciência, na arte, na cultura, na sociedade, ou reconhecer as leis próprias da realidade, o mundo do devir, a mudança constante”, afirma.

Johannes Röser é redator-chefe da revista semanal *Christ in der Gegenwart* (Freiburg im Breisgau, na Alemanha), fundada em 1948, como uma publicação de diálogo entre a Igreja e os cristãos com a ciência, a arte, a cultura e a política. Röser estudou teologia em Freiburg e em Tübingen (dentre outros, com Hans Küng e com os então professores e hoje cardeais Karl Lehmann e Walter Kasper). Trabalha como jornalista desde 1981. É autor e editor de diversos livros sobre religião. Os mais recentes são *Mein Glaube in Bewegung: Stellungnahmen aus Religion, Kultur und Politik*; *Mut zur Religion: Erziehung, Werte und die neue Frage nach Gott*; *Was sag ich Gott? Was sagt mir Gott?*; e *Jugendgebete und Gedanken*, publicados pela Editora Herder. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor afirma que uma das consequências da crise de confiança da Igreja Católica é o reforço do “antimodernismo romano”. Como esse fenômeno se expressa concretamente?**

**Johannes Röser** - Há mais tempo já se pode perceber que os acentos, colocados pelo Concílio Vaticano II, que apontavam para a frente estão sendo minimizados, bagatelizados, que os impulsos para a renovação e

a reforma estão sendo “inseridos” em noções pré-conciliares. Um marco nesse sentido foi o documento *Dominus Iesus*<sup>1</sup> da Congregação para a Doutrina da Fé. Ele interpreta o decreto sobre o ecumenismo do último Concílio de forma muito unilateral e restritiva, e nega o ser-Igreja das igrejas protestantes, o que mais tarde foi confirmado, uma vez mais, por um comunicado do Vaticano.

Outro passo da restauração foi a readmissão geral da liturgia tridentina como forma extraordinária de celebração. Nesse sentido, deve-se levar em conta que a liturgia tridentina se baseia em um modelo de compreensão espiritual que não é mais compatível com a atual experiência do mundo marcada pelo Iluminismo e pela demitologização - desde a ideia do sacrifício expiatório até noções mágicas e apegadas a milagres.

Por fim, veio a suspensão incondicional da excomunhão dos bispos de Lefèbvre, sem quaisquer exigências de conversão aos tradicionalistas e à sua postura acentuadamente antimodernista. Aliás, antes disso, muitos bispos já tinham advertido contra tal medida.

Também na ordem relativa a vestimentas e acessórios do atual papa, com sua predileção por vestes barrocas e música antiga etc., mostra-se uma certa aversão à modernidade. Durante certo tempo, **Bento XVI** usou o báculo de **Pio IX**, o Papa do antimodernismo.

Acrescenta-se a isso o fato de que, apesar da acentuação da colegialidade dos bispos, a dignidade das Conferências Episcopais está sendo contestada e até minada. Cada vez mais, as Conferências Episcopais estão sendo consideradas meros órgãos administrativos ou consultivos, mas sem autoridade doutrinal. Além disso, tem-se a impressão de que, muitas vezes, os bispos são tratados como recebedores de ordens do Vaticano. Apesar disso, todo bispo tem em si, como sucessor

<sup>1</sup> Declaração “*Dominus Iesus*” (ou “*Senhor Jesus*”): documento sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e a doutrina da Igreja. Foi emitido pela Congregação para a Doutrina da Fé, no dia 6 de agosto de 2000, assinado pelo então prefeito da Congregação, o Cardeal Joseph Ratzinger, que se o tornou Papa Bento XVI. (Nota da IHU On-Line)

## “Os impulsos para a renovação e a reforma [da Igreja] estão sendo ‘inseridos’ em noções pré-conciliares”

dos apóstolos, autoridade e responsabilidade apostólicas.

Também a interpretação bíblica histórico-crítica foi recentemente relativizada e sofreu restrições por parte do papa Bento XVI em um texto pós-sinodal sobre a palavra de Deus dirigido ao Sínodo dos Bispos de 2008. Segundo ele, a exegese foi distorcida por uma compreensão secularista da Bíblia que exclui todos os elementos divinos.

Além disso, o magistério eclesiástico rejeita estritamente algumas pesquisas da biomedicina moderna. Entretanto, a história da medicina - assim como das ciências naturais de modo geral - prova que, na prática, todos os tabus eclesiásticos jamais erigidos não subsistiram a longo prazo, desde a proibição da autópsia de cadáveres - que atualmente não nos permitiria sequer operar um apêndice inflamado - até o ceticismo para com transplantes de órgãos e a proibição da contracepção hormonal, que, entretanto, se tornou um padrão no mundo todo.

**IHU On-Line - Algumas das questões em voga atualmente no debate religioso são a moral sexual, o celibato e a questão dos divorciados. É possível encontrar uma solução conciliatória entre as reivindicações dos fiéis e as posições da Igreja institucional?**

**Johannes Röser** - Essas três áreas devem ser separadas. Quanto ao celibato: também na parte latina da Igreja Católica mundial atua um número crescente de sacerdotes casados. Por exemplo, os que passaram de igrejas protestantes para a Igreja Católica e agora exercem nela o seu ministério eclesiástico. Alguns sacerdotes casados vieram da Igreja Anglicana. Agora, o papa até instituiu sedes episcopais próprias para anglicanos dispostos a trocar de Igreja, em que eles podem

conservar suas tradições litúrgicas [os chamados ordinariatos pessoais]. Além disso, através dos muitos cristãos que fugiram do Oriente Próximo e do Oriente Médio, nós estamos conhecendo no Ocidente sacerdotes católicos casados das igrejas orientais unidas ao papa. Esses pastores não são “menos” sacerdotes nem sacerdotes “piores” do que aqueles da parte latina da Igreja.

Não se trata da abolição do celibato, que é e deve continuar sendo uma característica essencial da vida monástica. O que está em pauta unicamente é como se pode assegurar a celebração sacramental do mistério pascal face à forte carência de sacerdotes em muitos países mediante a liberação do celibato para sacerdotes seculares, para párocos. Qualquer outra coisa significaria que, com um número cada vez menor de sacerdotes, nós estaríamos a caminho de uma Igreja Católica livre, não obstante todo o respeito que tenho pelo caminho próprio em conformidade com o evangelho das igrejas protestantes livres. Além disso, precisamos de sacerdotes jovens - casados - para pessoas jovens - geralmente ainda não casadas -, inclusive como exemplo.

Quanto à moral sexual: graças às possibilidades contraceptivas, a sexualidade e a reprodução não estão mais vinculadas uma à outra. Por causa dos longos períodos de formação - também das mulheres - e da necessária mobilidade e flexibilidade profissional, os jovens, muitas vezes, só encontram o parceiro ou a parceira de vida bem tardiamente. Não é realista e também seria ingênuo esperar que as pessoas vivam em abstinência sexual até os 30 anos de idade ou até mais tarde. A sexualidade é uma parte essencial do amor, da atratividade e da capacidade de estabelecer relacionamentos dos seres humanos. Naturalmente, é desejável que as pessoas mantenham a fidelidade conjugal e a parceria matrimonial durante a vida inteira. Mas excluir rigorosamente o comportamento sexual nesse processo causa repulsa. O distanciamento dos jovens em relação à Igreja começa, na maioria dos casos, com o despertar da sexualidade. Por isso, a doutrina sobre a sexualidade deve ser repensada de acordo com

o que é humanamente possível e faz sentido. A sexualidade é vida e determina toda a nossa vida, mesmo que o tempo para casar só venha bem mais tarde.

Algo semelhante se aplica aos divórcios. Nos países ocidentais, entretanto, um de cada três casamentos termina em divórcio. Isso atinge igualmente os católicos. Naturalmente, pode-se criticar e lamentar que hoje em dia os casais se separem mais depressa do que antigamente, que a tolerância à frustração e a disposição para perdoar sejam menores, que exemplos errados tornem mais fáceis os divórcios e as trocas de parceiros. Contudo, as exigências feitas ao amor, ao relacionamento e à parceira também aumentaram, o que sobrecarrega muitas pessoas e acaba acarretando decepções. Entretanto, após um exame de consciência sincero, arrependimento, confissão de culpa, penitência e boa intenção, não se deveriam negar permanentemente o perdão e consolo dos sacramentos da Igreja a pessoas divorciadas que voltaram a se casar. Todavia, a Igreja poderia fazer mais para ajudar os casais em tempo hábil a renovar e salvar seu casamento.

**IHU On-Line - Para o senhor, dois grandes problemas da Igreja são o seu fechamento e a sua distância com relação à realidade. Que papel os leigos podem ter para reverter esse quadro?**

**Johannes Röser** - Existe uma vocação especial para o sacerdócio. E existe uma vocação igualmente divina para as profissões seculares. Muitos cristãos são atualmente especialistas em muitas áreas. Como cidadãos do mundo, eles não precisam procurar de propósito um diálogo forçado entre a Igreja e o mundo. Eles são do mundo, como cristãos. Como homem e mulher, como pais, eles são o primeiro sacerdote masculino e feminino de seus filhos. “Deus chega antes do missionário”, disse Leonardo Boff certa vez. Os leigos chegam ainda antes do que o sacerdote. Entretanto, eles não substituem o ministério eclesial especial de direção espiritual. Alguns abismos entre leigos e clérigos, alguns casos de neoclericalismo constrangedor pode-

**“Só há duas alternativas:  
ou continuar se  
isolando da  
modernidade, ou  
reconhecer o mundo  
do devir, a mudança  
constante”**

riam ser superados se o princípio sinodal fosse melhor cultivado também na Igreja Católica. Isso quer dizer que, em associações eclesiais, os leigos devem ter não só funções consultivas, mas também compartilhar do poder de decisão.

**IHU On-Line - Como a Igreja pode encontrar um equilíbrio entre a tradição e a orientação ao futuro?**

**Johannes Röser** - Voltando-se com rigor aos conhecimentos da atualidade e reconhecendo a evolução contínua do mundo, da vida, do saber e da fé. A consciência religiosa também se transforma no decorrer da história pessoal de vida e da história da humanidade. O chefe de Estado soviético Mikhail Gorbachev dizia: “A vida castiga quem chega tarde”. Isso também se aplica ao cristianismo. A tradição não significa simplesmente apenas a recordação de coisas passadas, mas também a transmissão de coisas novas: temos de nos direcionar para a viabilidade no futuro.

**IHU On-Line - Quais são as instâncias já existentes ou que novos âmbitos de diálogo precisam ser criados para que a “consulta recíproca sobre as necessidades” da Igreja, como o senhor afirma, possa ocorrer?**

**Johannes Röser** - O ponto central e crucial é a questão de Deus. Há muito tempo, consolidou-se no sentimento de muitas pessoas uma espécie de ateísmo popular, sem qualquer intenção combativa, mas, antes, com melancolia e até com tristeza. Segundo ele, Deus, mesmo que existisse e o

quisesse, não tem qualquer possibilidade de atuar e intervir no curso do mundo. Onde Deus estava quando não estava lá, por exemplo: por ocasião do tsunami, ou pelo 11 de setembro de 2001, ou no caso de vírus letais ou outras doenças, em relação aos quais o ser humano supostamente livre nada pode fazer? Na melhor das hipóteses, Deus é um grande “talvez” para muitas pessoas. Dizem elas: “Às vezes eu creio, às vezes não creio”. É nesses mundos intermediários que a religiosidade ocorre atualmente, na maioria das vezes em uma esfera vaga, incerta, aproximada.

Ora, isso tem consequências para as nossas concepções de Deus. Hoje em dia, “Deus” é, para muitas pessoas, mais um verbo do que um substantivo, mais um acontecimento processual do que uma espécie de “sujeito” ou “objeto”. As concepções de Deus anteriores não são mais suficientes para, face ao caráter enigmático do espaço e do tempo, ser tocado ou até abalado pela misteriosidade de Deus. Precisamos de uma escola, de uma nova visão e de um novo pressentimento religioso, justamente para pessoas reflexivas de boa vontade.

Para os cristãos, o acontecimento-Cristo é e continua sendo o centro da existência de fé. Mas como a unicidade de Cristo pode ser associada à diversidade e ao caráter contraditório das outras percepções religiosas em todo o globo terrestre? Por que o Filho de Deus só veio a este mundo como *Homo sapiens* há 2 mil anos, se o *Homo sapiens*, o ser humano sábio, já existia há pelo menos 100 mil anos, dotado de um cérebro complexo e inteligência cognitiva moderna? Assim, estamos e continuamos em busca de uma mística em torno de Cristo que, entre outras coisas, incorpore dimensões universais e cósmicas, mas sem se desviar especulativamente para o âmbito esotérico: uma mística que permaneça fiel à história e à terra.

O agulhão decisivo da desencarnação é a mortalidade, a finitude. Com isso, porém, intensifica-se, por outro lado, nosso fascínio: que, apesar da mortalidade de tudo, exista algo e não nada, já que o nada seria muito mais plausível do que tudo que se faz

sentir. O milagre do que é visível é, para muitas pessoas, bem mais maravilhoso do que o milagre daquilo que é invisível. Ora, se existe o milagre da vida - real - diante dos olhos de todos, por que não haveria de poder existir, na mesma lógica fraca, o milagre da vida eterna - objeto de esperança -, da ressurreição dos mortos? Aqui, para as pessoas crentes, abre-se o caminho para a esperança da ressurreição.

A fé em Deus, a fé em Cristo, a fé na ressurreição são os três campos de diálogo decisivos, os aspectos essenciais. Para isso, precisa-se de um novo entendimento no horizonte de nossa experiência do mundo e até um novo Concílio sobre questões de fé, semelhante aos antigos Concílios sobre questões de fé, que nunca transcorriam harmoniosamente, mas em disputa produtiva e frutífera. Isso também desafia a teologia.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa o papel das Conferências dos Bispos hoje? Ainda têm validade na conjuntura social e eclesial do século XXI? Como aumentar o diálogo entre as diversas Conferências?**

**Johannes Röser** - Os bispos e as Conferências Episcopais falam demais sobre questões sociais, caritativas e políticas. Tudo isso é importante e necessário, particularmente a opção preferencial pelos pobres. Mas também é importante fazer os temas de casa eclesiais e religiosos e não desviar a atenção deles. Muitas crises religiosas são de produção própria. Seria importante revitalizar a tradição dos sínodos regionais, para se entender inicialmente com quem está geograficamente próximo. Disso poderia surgir então um processo sinodal abrangente, até se chegar a um concílio ecumênico. Não há como se esquivar disso.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa a questão do sacerdócio hoje? Que papel os sacerdotes devem ter na Igreja contemporânea e que tendências o senhor percebe para o futuro do sacerdócio?**

**Johannes Röser** - Face à grave carência de fiéis apesar dos 2 bilhões de cristãos nominais no mundo inte-

ro, a carência de sacerdotes não é um problema secundário. Sem proximidade pessoal, não há fé. Precisamos de algo diferente do “sacerdote administrador” ou do “sacerdote cultural” centrado nos sacramentos. Precisamos de “sacerdotes comunicadores”, homens de Deus que sejam capazes de despertar e estimular a religiosidade que muitas pessoas carregam dentro de si em segredo, mas não ousam questionar. Visto que precisamos da melhor qualidade espiritual nesse caso, também precisamos da devida quantidade de qualidade sacerdotal.

O pároco-gerente, que documenta queixosamente seu ativismo com uma agenda superlotada, não interessa às pessoas. Da mesma forma, não interessa aos jovens de hoje um sacerdote-mago. Não, as pessoas da atualidade esperam e amam pastores repletos do Espírito, bem formados, que tenham experiência do mundo e estejam impregnados de Deus, em que se perceba que são realmente servidores de Deus, tanto em seus pontos fracos quanto fortes, que, como vocacionados, também tenham uma noção das vocações divinas dos servidores do mundo, dos grandes anseios e ciladas pecaminosas de toda e qualquer existência.

O sacerdote como servidor dos seres humanos deve ser primeiramente servidor de Deus para levar as pessoas, com autoridade e sensibilidade, para Deus, para chamar a atenção delas para Deus, para levá-las a redescobrir Deus. Os sacerdotes devem preparar as pessoas para o reino de Deus. De certa forma, eles são algo assim como parteiras do nascimento de Deus no ser humano. Eles não tiram do indivíduo o trabalho de parto religioso, mas o orientam com base no bom saber e na experiência profunda e, às vezes, intervêm para facilitar as coisas em meio ao processo doloroso. Os sacerdotes devem ser, nesse sentido, parteiras do religioso, com senso de liderança e responsabilidade de líderes, mas sem bancarem os sabichões.

Uma nova reflexão sobre o fato de o sacerdote ser primordialmente homem de Deus (talvez, a uma certa

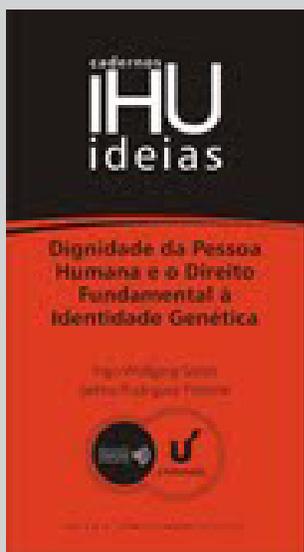
altura, também mulher de Deus entre os católicos e ortodoxos) poderia libertar o elemento sacramental de suas históricas reduções mágico-mitológicas e abrir o sacerdócio para uma nova espécie de representação sacramental do mistério divino, que torne a matéria de nossa existência transparente para o espiritual divino, especialmente nos dons do pão e do vinho. O santo alimento da alma e a santa bebida celestial devem nos encaminhar para uma santa comunicação, a uma santa comunhão mística - união - de Deus e do ser humano. O sacramental pode, assim, tornar-se novamente antegosto de uma grande promessa sacerdotal, para além da morte. Na celebração do sacramental, dos mistérios da salvação, poderá de fato transparecer, então, algo daquele além que ilumina a realidade deste mundo, em uma nova relação mais profunda com Cristo.

**IHU On-Line - Que cenários futuros da Igreja o senhor prevê no confronto ou diálogo com a contemporaneidade?**

**Johannes Röser** - A rigor, só há duas alternativas: ou continuar se isolando dos desdobramentos da modernidade na ciência, na arte, na cultura, na sociedade, ou reconhecer as leis próprias da realidade, o mundo do devir, a mudança constante. A compreensão da fé também tem que enfrentar as mudanças de paradigma, a mudança dos modelos conceituais, para preservar o futuro do cristianismo. Nesse sentido, ele também precisa aprender de novo a ser modesto para com o mundo, para com as pessoas, para com Deus. Jesus Cristo é o ícone do Deus desconhecido, e não simplesmente de alguém que se conhece bem. O pesquisador do cérebro **Gerhard Roth** disse certa vez: “Se Deus existe, ele é inteiramente diferente do que qualquer teólogo do mundo imagina”. Eu acrescento: também inteiramente diferente do que alguns não crentes imaginam por “Deus”.

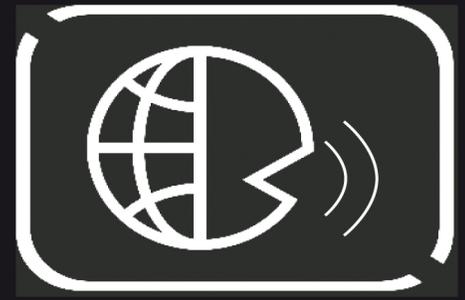
Ser cristão significa tornar-se cristão. Isso se aplica às primeiras pessoas que creram em Jesus Cristo da mesma forma como se aplica a nós no terceiro milênio. Nossa esperança é grande.

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## ALAIC: história, diálogos e perspectivas

POR CÉSAR BOLAÑO\*

A Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação - ALAIC (em espanhol) é uma entidade com mais de trinta anos de existência, que teve um papel fundamental num momento crucial da luta pela democratização da comunicação: o período dos debates, nos anos 1970, sobre a chamada “nova ordem mundial de informação e comunicação” - Nomic, culminando com o famoso Relatório MacBride, da Unesco e a saída dos Estados Unidos, Grã Bretanha e Japão dessa entidade, que passou a sofrer uma endêmica falta de recursos para cumprir os seus objetivos de agência da ONU para a cultura e a educação. Era a época, no bojo da Guerra Fria, da organização dos países não alinhados, que desempenharam um papel de relevo no processo, contrariando os interesses das duas potências hegemônicas, ao reivindicar maior equilíbrio nos fluxos internacionais de informação.

A ALAIC surge nesse contexto, representando, no campo da comunicação, o pensamento social latino-americano, participando ativamente do diálogo acadêmico no interior da *International Association for Media and Communication Research* - IAMCR, a grande associação mundial de pesquisadores da comunicação. O fim dos debates sobre a Nomic, com o arquivamento, na prática, do relatório MacBride, levaram ao virtual desaparecimento da ALAIC, transformada,

segundo seus próprios componentes, num clube de amigos que observava, ao longo dos anos, o crescimento do campo da comunicação na América Latina, especialmente no Brasil, onde José Marques de Melo encabeçara o vitorioso projeto de criar uma entidade nacional de pesquisadores da comunicação tão forte como acabou se tornando a Intercom.

Chamado a reconstruir a entidade, ao final dos anos 1980, Marques de Melo aproveitou a realização do congresso da IAMCR de 1992, no Guarujá, para organizar o primeiro congresso da ALAIC, em Embu-Guaçu, na grande São Paulo. A partir de então, sob sua presidência e, em seguida, de Enrique Sanchez Ruiz, Margarida Kunsch e Erick Torrico, a entidade adquiriu sua feição atual, de associação acadêmica, realizando congressos bianuais, com seminários bianuais intercalados, publicando livros e revistas e organizando os diferentes campos específicos da comunicação nos seus mais de 20 grupos de trabalho. A entidade, como o campo da comunicação na América Latina em geral, se consolidava academicamente, a partir da expansão dos cursos de graduação e pós-graduação, ao mesmo tempo em que refluía o pensamento crítico em todo o mundo e em todos os campos, no bojo dos processos globais que levaram ao fim da Guerra Fria e à im-

\* Professor da Universidade Federal de Sergipe, jornalista graduado na USP com mestrado e doutorado em economia na Unicamp. É presidente da ALAIC, um dos fundadores da Ulepcc Brasil e membro do Grupo Cepos: <bolano.ufs@gmail.com>.

plantação do neoliberalismo.

Minha eleição para a presidência da ALAIC - após um processo longo de debates internos que culminaram com a mudança dos estatutos, em 2008, e a definição de um novo regulamento interno, no ano seguinte - marcará, esperamos, sem recuar na institucionalização acadêmica, consolidada desde 1992, uma retomada da preocupação central com o pensamento crítico latino-americano, com a interdisciplinaridade e com uma modernização das estruturas internas da entidade, volta da para o reforço das subáreas representadas pelos GT, visando uma nova inserção no debate acadêmico internacional. Uma das peças-chave dessa mudança é o processo de reforma dos GT, iniciada na gestão anterior, a partir da criação de uma comissão, que tive o prazer de coordenar e da qual participavam também a atual vice-presidente, Dra. Delia Crovi, e o atual diretor científico da entidade, Dr. Gustavo Cimadevilla.

A ideia por trás da reforma e também da nossa candidatura - que incluía, ademais, dos nomes citados, os de Eliseo Colon (diretor de relações internacionais), Fernando Paulino (diretor administrativo) e Carlos Arroyo (diretor de comunicação) - é a de organizar o debate interno, incorporando jovens pesquisadores, valorizando as grandes contribuições do velho e bom pensamento social crítico do latino-americano, visando ampliar a capacidade de interlocução do pen-

**“A Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação - ALAIC (em espanhol) é uma entidade com mais de trinta anos de existência, que teve um papel fundamental num momento crucial da luta pela democratização da comunicação”**

samento comunicacional do subcontinente no campo internacional. Uma das iniciativas nesse sentido, além da reforma dos GT, é a criação de uma segunda revista da entidade, *online* e em inglês, contando com um apoio da Unesco para o seu primeiro número, a sair no primeiro semestre de 2011.

O próprio diálogo retomado com a Unesco e com outras entidades importantes, como o Ciespal, ou a Alas, ou a nossa participação numa iniciativa tão importante, mais uma vez encabeçada por José Marques de

Melo, como a da Confederação ibero-americana das entidades científicas do campo da comunicação (Confibercom), mostram o sentido do debate internacional em que estamos empenhados. Um momento importante desse processo se dará em julho de 2011, no seminário bianual da entidade, em São Paulo, paralelamente ao primeiro congresso da Confibercom, quando será lançado o primeiro número do nosso *Journal of Latin American Communication Research*.

O debate interno, por outro lado, inclui ainda uma nova relação com as associações nacionais de pesquisadores da comunicação da América Latina, que hoje são cinco: Amic (México), Intercom (Brasil), Aboic (Bolívia), Invecom (Venezuela) e Seicom (Equador). Iniciativas de criação de novas associações do gênero estão em curso hoje com o apoio da ALAIC.

Finalmente, estamos centrando esforços na constituição das representações regionais definidas nos novos estatutos. Quatro foram criadas até o momento: Cone Sul (Argentina, Chile, Brasil, Uruguai e Paraguai), coordenada por Valério Brittos; Região andina (Bolívia, Peru, Equador), coordenada por Pablo Escandon; Bacia amazônica (Colômbia, Venezuela e norte do Brasil), coordenada por Maria Ataíde; Centro, Norte América e Caribe, coordenada por Lucila Inojosa. A ideia é dividir esta última em duas, assim que as condições objetivas o permitam.



## 5° Seminário de Pesquisa CEPOS

**Economia Política da Comunicação: convergência digital tecnológica e inclusão digital**

3 de dezembro das 08:30 às 20h  
No Auditório Padre Pedro Pinto  
Unisinos - São Leopoldo - RS  
**- Evento gratuito -**

Inscrição pelo site [www.unisinos.br/eventos](http://www.unisinos.br/eventos)  
ou pela central de relacionamento da Unisinos  
Fone : 3591-1100 ramal 1356



Os participantes ganharão certificado  
valendo horas complementares.  
Informações: [www.grupocepos.net](http://www.grupocepos.net)



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 23-11-2010 a 27-11-2010.**

**“O Brasil tem mania de colonizar as redes sociais”**

Entrevista com Gabriela Zago, jornalista

Confira nas Notícias do Dia 23-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2v269>

Criado em 2006, desde o último ano o Twitter tomou uma maior dimensão no país e, assim como aconteceu com o Orkut, os brasileiros começaram a colonizar a rede social, ocupando seus espaços e dominando algumas pautas em discussão.

**“Todos nós somos chamados a ser monges”**

Entrevista com Marcelo Barros, monge beneditino

Confira nas Notícias do Dia 24-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2v2Lx>

Na opinião do monge Marcelo Barros, “a Ecologia não é somente a ciência da interligação entre todos os seres vivos e todo o Universo, mas é também a descoberta desta amorosidade que permeia tudo e está presente em tudo”.

**Transformando vidas individuais em vidas coletivas**

Entrevista com Rita de Cássia Machado, filósofa e professora da UFRGS

Confira nas Notícias do Dia 25-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2v2NJ>

A pesquisadora analisa as estruturas da base do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) e compreende o movimento como “uma ferramenta de transformação da realidade em que se encontram estes desempregados históricos, portanto, a ferramenta que possibilita a construção real da experiência do trabalho humanizador”.

**Como preservar o futuro da Igreja?**

Entrevista com Johannes Röser, teólogo

Confira nas Notícias do Dia 26-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2vbZs>

“A tradição não significa simplesmente apenas a recordação de coisas passadas, mas também a transmissão de coisas novas. O desafio do cristianismo, portanto, é buscar ‘a viabilidade no futuro’”, afirma Röser.

**Uma guerra pela regeografização do Rio de Janeiro**

Entrevista com José Cláudio Alves, sociólogo

Confira nas Notícias do Dia 27-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2zulb>

“O que está por trás desses conflitos urbanos é uma reconfiguração da geopolítica do crime na cidade”, pontua o sociólogo sobre a motivação principal dos conflitos que estão acontecendo entre traficantes e a polícia do Rio de Janeiro.

## Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável

Módulo 4 - Pensar global e agir local

Informações:

[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



The image shows a screenshot of a Twitter profile page for the account @ihu. The profile picture is the logo of Instituto Humanitas Unisinos, which consists of a stylized white bird-like shape on an orange square. The name of the account is "\_ihu". The tweet content is as follows:

That's you!

"Não só a produtividade aumentou, mas sinto que os funcionários estão mais dispostos também", afirma empresário. <http://bit.ly/d9uneB>

27 minutes ago via web

---

Redução da jornada de trabalho: Experiência que deu certo, diz empresário. <http://bit.ly/d9uneB>

27 minutes ago via web

---

Um total de 47,8 mil metalúrgicos paulistas pode entrar em greve nesta semana, a partir de quarta-feira. <http://bit.ly/drEFUU>

http://twitt

Profile Find People Settings Help Sign out

**Name** IHU

**Location** São Leopoldo

**Web** <http://www.ihu.un...>

**Bio** O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...

**260** following  
**1,047** followers  
**115** listed

**Tweets** 5,641

Favorites

Lists

[blogs](#)

[educa-o](#)

[parceiros](#)

[contatos](#)

[equipe-ihu](#)

[organiza-es](#)

[View all](#)

er.com/\_ihu

## IHU Repórter

## Ângela Kretschmann

POR MÁRCIA JUNGES

**A**dvogada atuando na área da propriedade intelectual, doutora em Direito, Ângela Kretschmann é alguém que aprecia as surpresas da vida e as voltas que o mundo dá. Mesmo que já tenha experimentado os aspectos sombrios, além dos luminosos, que compõem a nossa essência, não desistiu de sonhar. O que a move são as respostas que busca às constantes e sempre novas perguntas que se faz e que faz ao mundo. Prestes a iniciar um pós-doutorado na Alemanha, ela contou aspectos marcantes de sua vida à **IHU On-Line**, como o incêndio que destruiu a casa onde vivia com a família, quando pequena, a gratidão à comunidade de Três Passos que reconstruiu a casa da família, a vida na Índia, com um filho pequeno, com experiências difíceis e até hilárias. Mãe de Guilherme, hoje com 16 anos, Ângela aprecia música e pratica corridas sistematicamente. Suas ideias sobre os desafios da mulher na vida profissional e política e as situações conflitantes da docência são outros temas da entrevista que você confere a seguir.



**Origens** - Sou natural de Três Passos. Meu pai sempre foi vendedor, e eu sempre o admirava por isso. Vendia muito mais do que produtos, vendia ideias e sonhos. Minha mãe fez um concurso para professora, com 15 anos, escondida de meu avô, Almiro Feix, que proibia as filhas de estudar (naquela época era natural que só os homens estudassem). Mas ela teve o apoio de minha avó e acabou passando em primeiro lugar no concurso. E então o prefeito de Horizontina, que não poderia contratá-la porque só tinha 15 anos, chamou meus avós e teve uma conversinha com eles. Então ela pôde estudar e ser professora. Este ano meus pais completaram 48 anos de casados. Tenho duas irmãs, a Solange, cinco anos mais velha do que eu, pedagoga, e a Djanine, 15 anos mais nova, especialista em Direito Previdenciário.

**Infância** - Tenho muitas imagens da infância, mas para escolher uma, escolho a da mala preta. É uma mala que meu pai guarda até hoje, com carinho. Ela tem relação com um episódio bonito e triste, ao mesmo tempo.

A casa onde vivíamos incendiou completamente. Minha mãe era professora e estava em sala de aula quando isso aconteceu. Na volta do trabalho, viu a casa em chamas. Já escurecia e ela pensou que eu e minha irmã mais velha (a mais nova não tinha nascido ainda) estávamos dentro dela. Mas justamente naquele dia, meu pai nos convidou para ir com ele a um bar próximo. Estranhamos o convite, mas o acompanhamos. Foi por esse detalhe que não estávamos dentro de casa quando houve o incêndio. Minha mãe nos viu no meio da multidão, e foi muito emocionante. Algumas pessoas se machucaram, pois houve explosões. O episódio marcou toda minha família, para sempre. Em seguida ao ocorrido, toda a comunidade se mobilizou e reconstruiu nossa casa, muito melhor e mais bonita do que era antes. Mas, antes disso, moramos um tempo sem nada, porque havíamos perdido tudo. No local que ficamos, nos fundos de um bar, o piso foi coberto com serragem, e o cheiro dela, até hoje, traz as lembranças na minha memória. Meu pai guarda até hoje uma mala preta, com todos os registros das doações que recebemos. A

arrecadação se iniciou com um funcionário do Banco do Brasil, o Sadi Kern e muita gente aderiu. Em pouco mais de quatro meses tínhamos nossa casa nova. Esse exemplo que tive no início da vida me mostrou que o ser humano pode nos surpreender positivamente, e que vale a pena acreditar.

**Formação** - Sou advogada formada pela Unisinos. Integro uma sociedade de advogados em Porto Alegre e dou aulas na Unisinos desde 1992. Vivi na Índia por três anos, de 1998 a 2001, com meu ex-marido, que é físico, e meu filho. Fui para lá a contragosto, pois estava trabalhando e acabava o meu mestrado na PUC, e estava feliz com o escritório que recém se mudara para nova sede. Entre 2003 e 2006 fiz o doutorado em Direitos Humanos, na Unisinos, na área do multiculturalismo, pois queria trabalhar o choque cultural e o diálogo entre culturas. Sou filha desta casa, apesar de ir para lá e para cá. Meu pós-doutorado será na área de propriedade intelectual e informática (*Open Access* e *Universal Access*). Gosto de sentir que nunca parei de estudar, e espero nunca parar.



PROFESSORA ÂNGELA COM O EX-ALUNO E ATUAL SÓCIO, GABRIEL BORGES. AO LADO, COM O FILHO, GUILHERME

O dia que eu parar algo deverá estar muito errado. E é importante buscar horizontes novos e lugares que nos desafiam, que nos fazem respirar. Além de professora do curso de Direito da Unisinos, mantenho a sociedade de advocacia em Porto Alegre. Em função de meus quase 20 anos dedicados à propriedade intelectual e publicações, sou nomeada para perícias judiciais na área de patentes, marcas, direito autoral (plágio, pirataria), não apenas no RS, mas em outros estados.

**Família** - Meu filho Guilherme tem 16 anos, e estuda no segundo ano do ensino médio do Colégio Farroupilha, em Porto Alegre. Organizamos nossa vida por lá, pois ele gosta do ambiente dessa escola. O Guilherme foi alfabetizado na Índia, em inglês. Assim, quando voltamos para São Leopoldo, teve certa dificuldade de adaptação. Lázaro, o pai do Guilherme, mora na China. Estamos indo visitá-lo e, na volta, ficarei na Alemanha para fazer o pós-doutorado. É um excelente pai e amigo. Na verdade, em função dos compromissos profissionais ele nunca mais conseguiu voltar para o Brasil, apesar de um período curto aqui, há 2

anos. Da Índia foi morar na Espanha, de lá foi para a China.

**Vivendo na Índia** - Cheguei a lecionar na faculdade de Direito de Nashik e da Universidade Amravati, na Índia, na graduação e no mestrado, na área de propriedade intelectual. Quase iniciei meu doutorado lá. Nesse período mantive uma troca de mensagens intensa por e-mail com o padre Bruno Hammes. Sem me perguntar, ele expunha esses e-mails no mural dos professores do Direito. Imagina o susto que levei quando soube. Meus colegas liam e riam à beça a respeito das coisas peculiares que eu contava da experiência indiana. Vários colegas que liam essas mensagens eu vim a conhecer só depois, quando retornei. Como tudo isso se tornou público, as coisas que escrevi viraram um livro: *Índia, muito prazer*, em 2003 (2ª ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2009). Mas não era só o Pe. Bruno que tornava público os textos que eu enviava, meu marido também fazia isso enviando para os colegas que eu nem conhecia, também sem eu saber, no princípio. Essas pessoas são responsáveis para que tudo virasse um livro gostoso de ler.

Eu mesma rio de tudo o que houve. Na verdade, de prazer, são só as risadas dos leitores, porque para mim não era muito engraçado. Foi quase uma tragédia. Depois do problema cardíaco que tive e de ir parar no hospital (na Índia, e de onde saí completamente curada mas cheia de piolhos na cabeça), é que decidi retornar para o Brasil. Em primeiro lugar, eu não queria sair do Brasil, sempre fui apegada ao nosso país. Felizmente a vida nos ensina que o desapego é importante, em todos os sentidos, e hoje já não tenho esse medo de ir embora.

**Choque cultural** - Chegando à Índia, tive muita dificuldade de me adaptar. Não pela língua, não pela comida, pois tive algumas aulas de hindi e dava para se virar com o inglês, uma das 17 línguas oficiais do país. Nunca fui louca por churrasco e deu para viver sem ele. Viramos vegetarianos na marra mesmo. As tentativas de comer carne sempre resultaram em outras pequenas tragédias...

**Saia justa** - Lembro de uma vez em que convidei para jantar várias pessoas que conhecemos lá. Querí-

amos fazer uma confraternização. Em determinado momento, os convidados se separaram para comer. Foi um para cada lado. Não entendemos o que estava havendo. Acontece que quem pertence a castas diferentes não pode fazer as refeições juntos. Assim, nós ofendemos as pessoas, pois as reunimos para uma refeição sem levar em conta que pertenciam a castas distintas. Até aprendermos a lidar com isso, foi muitíssimo difícil. Noutra ocasião fui convidada para um dia na casa de uma amiga hindu, e ela passou o dia nos servindo, do nascer ao pôr do sol (!), com alimentos variados, e depois nos apresentou com peças de prata. Ao final eu precisava dizer se estava satisfeita, pois, se eu estivesse, ela receberia a bênção tão desejada de Deus. Eu disse que estava “muitíssimo satisfeita” e que ela, se dependesse de mim, seria muitíssimo abençoada. Mas afinal, queria saber o que tanto ela pedia a Deus, e ela respondeu: “Morrer antes de meu marido”. Tudo aquilo para isso. Por outro lado, os alunos nas escolas tiram os calçados para entrar na sala de aula, pois a sala é sagrada. Mas um dia os alunos ficaram boquiabertos só porque “assassinei” uma mosquinha com um enorme apagador, que pousou na lousa. Era bom morar num bairro onde havia muçulmanos, hindus e nós, cristãos. Esse diálogo multicultural era extremamente fascinante. No final das contas, minha tese trata justamente sobre o diálogo intercultural. Eu precisava teorizar essa prática, e assim escrevi *Universalidade dos direitos humanos e diálogo na complexidade de um mundo multivilizacional* (Juruá, 2008).

**Artes** - A arte permite que nos sensibilizemos. Através dela nos tornamos mais capazes de perceber a profundidade das coisas e acontecimentos. Atualmente me preocupa a incapacidade das pessoas para se sensibilizarem com o belo. Parece que a humanidade continua bárbara, em certo sentido. Nossos jovens não têm mais “tempo” para compreender temas mais profundos vinculados ao sentido da vida, como

se costumava apreciar as tragédias gregas. Como fazer um jovem apreciar *Vidas Secas*, por exemplo, afinal, o Brasil possui suas tragédias peculiares. O mundo está muito cibernético e é necessário se ausentar dele às vezes para compreendê-lo melhor. A música tem a capacidade de nos aproximar de Deus. No meu trabalho examino as obras artísticas e literárias, sobretudo a música, através do Direito, da propriedade intelectual. Tanto a arte quanto a técnica estão sempre presentes no meu cotidiano. Também atuo na área concorrencial, na proteção a patentes, *know-how* e contratos de transferência de tecnologia. É gostoso dialogar com tantas áreas do conhecimento, pois artistas, editores, escritores, músicos tanto quanto físicos, químicos, engenheiros, e empresas de tecnologia, gestores da cultura, todos precisam de propriedade intelectual. Minha função é prestar essa assessoria e ensinar outros a prestá-la.

**Desafios da docência** - Observo o quanto algumas situações permitem que o melhor ou o pior de nós venha para fora. Pois espero que, como professora, venha o melhor para fora. Como professora, noto, com espanto, as peculiaridades desse ser “pós-humano”, fruto da sociedade digital. Hoje, é extremamente difícil ser professor, em especial para os primeiros semestres. Lidar com um aluno que me diz “Professora, pela primeira vez vou ler um livro inteiro” é algo absurdo. E o aluno que diz isso espera ver o professor sorrir de satisfação. Eu obviamente fico chocada. Não dá para sorrir e ficar chocada ao mesmo tempo. Preocupame o plágio nos trabalhos. Semana passada a OAB começou um debate solicitando a aprovação de uma lei que trate de punições para quem compra trabalhos. E vejo que há também necessidade de se punir quem vende. A figura do *Ghostwriter* (escritor fantasma) é folclórica, e o livro “Budapeste” de Chico Buarque é sensacional nisso. Mas o fato é que não é possível formar acadêmicos se as pessoas podem comprar teses e dissertações em 8 vezes pelo cartão de crédito. Isso é escandaloso. Acho que uma das grandes

dificuldades para o professor hoje é entender que, apesar de ter estudado para lecionar determinado conteúdo, também precisa ensinar boas maneiras... e com amor. Não estou dizendo que consigo isso, mas que esse é um desafio permanente. Os alunos acham que o que a tecnologia permite é lícito e moral. Essa relação não existe. Não é porque você possui uma câmara digital que te permite tirar fotos que você pode usá-la e fazer o que quiser com as fotos das pessoas, colocando na internet, etc. Isso só para citar um exemplo entre centenas. Isso é preciso ensinar. E isso faz parte do meu trabalho.

**Ser mulher hoje** - As mulheres ainda são bastante discriminadas, como demonstra o relatório da ONU deste ano. O Brasil inclusive regrediu, segundo o relatório. Noto que uma mulher sempre tem que sofrer mais para alcançar seus objetivos. No Brasil não são raros os casos em que ainda precisa ser duas ou três vezes melhor do que o homem para atingir a mesma posição que ele ocupa. E se você for uma mulher negra, é ainda mais difícil: é preciso ser quatro, cinco vezes melhor do que um homem. Essa é a nossa realidade. É muito grave e jurássica. Vejo que ainda temos um longo caminho nesse sentido. Na política o Brasil tem dado bons exemplos. A peculiaridade de gênero não pode dificultar o gerenciamento, pelo contrário, a sensibilidade não é um privilégio feminino ou masculino, nem mesmo a ética, a força de vontade, a inteligência, o talento ou a coragem. O Brasil está caminhando mais lentamente nesse sentido do que alguns países, e não precisaria ser assim.

**Religião** - Sou feliz na minha relação com Deus. É uma relação tumultuada, de desafio permanente, e sei que não é fácil para Ele. Aprendi o que significa “temer a Deus” de um modo muito especial, e isso me permite ter muita coragem e aceitar muitos desafios. Você não precisa temer mais nada, se teme a Deus, mas esse temor é algo que só a experiência de Deus pode explicar. Antes de ir para



ÂNGELA COM A FAMÍLIA E, ABAIXO,  
COM COLEGAS QUE CONHECEU NA  
ÍNDIA

para os ingressantes e um braço estendido à comunidade.

**Unisinos** - Desde 1992, quando fui contratada, muita coisa mudou na universidade. De certa forma sinto-me parte da transformação da Unisinos. Vários redemoinhos passaram por aqui. O fantasma da mercantilização do ensino é um deles, e a Unisinos tem uma posição clara, que é apostar na excelência e qualidade do ensino. Mas esse não é o maior desafio da instituição hoje. O maior desafio é de gestão. O maior desafio mesmo é a própria gestão em si, de hoje, que precisa conviver com teorias contemporâneas da amoralidade maquiavélica, do sucesso do empreendedorismo e da inovação. Livros sobre como aumentar o poder nas organizações são lidos avidamente, é a moda da autoajuda nos negócios, que parte do ponto de vista que a justiça não existe, e que o poder segue nas mãos dos que são simplesmente hábeis politicamente. Enquanto isso os valores jesuítas não convivem bem com o poder, pelo contrário. O jesuíta fala em servir. Servo de Deus. Veja que não é fácil hoje em dia administrar uma universidade que preza a excelência. A famosa oração de Santo Inácio é uma das coisas mais difíceis que eu já vi de se praticar. A mais difícil. Mas eu acredito plenamente que é justamente por conhecer o valor de servir que a Unisinos é capaz de sempre se renovar e encontrar saídas para os problemas. A Unisinos serve de grande exemplo de competência em meio à crise, conseguiu sempre se renovar em meio a grandes crises. E agora conseguimos uma deferência importante pelo MEC, que valorizou as conquistas dos cursos. É a excelência vencendo o pragmatismo puro. Todos nós ganhamos com isso, todos aprendemos com isso, o que é muito motivador.



a Índia, tive uma experiência religiosa forte. Recebi um atendimento fantástico e fiz a experiência do retiro espiritual, algo importante e que me preparou para aquela fase no Oriente. Acabei percebendo que o jesuíta tem muito de budismo, é extremamente aberto para o diálogo religioso e o que importa é estar com Deus, e não o caminho que se encontra para (re-ligar/reli-gião) com Deus. O caminho depende de cada um. Para você aquele pode ser melhor, para mim, este. Isso permitiu que eu não me deslumbrasse com a religião na Índia, pois eu já tinha motivos suficientes para me deslumbrar com Deus. Faço meditação para tentar sempre ouvir melhor, e também para dominar o tempo, que nos atropela inexoravelmente. É difícil explicar isso, mas é a resposta para a seguinte

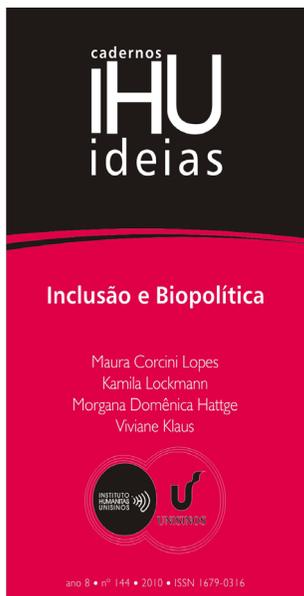
questão: “Como é possível experimentar a eternidade se ainda estamos vivos”? Essa pergunta eu tive que responder e respondi. Talvez um dia eu publique algo que escrevi sobre isso. Mas é uma experiência pessoal, cada um tem a sua. Por muito tempo lamentava ir e sair do retiro, pois a paz que se encontra é fantástica. Hoje sei que não é preciso sair nem ir a lugar algum. Todas as respostas estão dentro de nós, um templo muito particular, que sempre nos acompanha, se desejarmos.

**Instituto Humanitas Unisinos** - Acompanho a revista. O IHU em si é fundamental na Unisinos. Penso que é o coração da universidade. É um local que ajuda a refletir temas de fronteira. Presta os mais diversos auxílios e representa, como vejo, uma sala de entrada

# Destaques

## ObservaSinos

O Observatório de Indicadores do Vale do Rio dos Sinos é um projeto do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Seu objetivo é reunir, analisar e publicizar os dados da realidade, promovendo o debate sobre o seu impacto nas políticas públicas implementadas na região pelas notícias semanais de análises. Confira nas **Noticiais do Dia** do sítio do IHU, semanalmente, as matérias produzidas pelo ObservaSinos. A mais recente, veiculada em 27-11-2010, intitula-se *Admissões e desligamentos no trabalho formal no Vale dos Sinos durante o terceiro trimestre 2010* e está disponível em <http://bit.ly/eRB4g6>



## Inclusão e biopolítica

Os conceitos de inclusão, exclusão e biopolítica são problematizados nos **Cadernos IHU Ideias** nº 144, intitulado *Inclusão e Biopolítica*, produto dos debates do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI) da Unisinos, coordenado pela professora Dra. **Maura Corcini Lopes**. Na abordagem apresentada, esta temática materializa-se nos estudos em relação ao cotidiano escolar, procurando apontar quais são os limites e as possibilidades da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. O texto já se encontra à disposição, na versão impressa, na Livraria Cultural da Unisinos. E a partir do dia 06-12-2010 a versão desta edição estará disponível, na íntegra, em PDF, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Fontes da pedagogia latino-americana

Nesta terça-feira, dia 30-11-2010, todas as pessoas interessadas na área da Pedagogia estão convidadas a participar do evento **Sala de Leitura** promovido pelo IHU. Na ocasião, o professor Dr. **Daniilo R. Streck**, do PPG em Educação da Unisinos apresentará o livro organizado por ele, intitulado *Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia*. Em entrevista concedida para a **IHU On-Line** da última semana, ele adianta os aspectos centrais da obra. Leia mais em <http://bit.ly/f9WnKH>



Siga o IHU no  ([http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu))

E também no  (<http://bit.ly/ihufacebook>)



Apoio: